

# NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO — Agência em Lisboa, Praça dos Restauradores, 13-3.º-D. — Telefone, 2 7136

Redacção e Administração: Rua da República, 45-47 — Telef. 34 — Secção de expediente e arquivos: L. Cons. João Franco, 30 — Composição e impressão: Tip. Minerva — V. N. de Pamalhão

DIRECTOR, EDITOR E PROPRIETÁRIO: ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

## Editorial

### Mais um ano...

RODOU mais um ano na in-  
finidade do tempo...

Desvanecidas muitas ilusões, rotos todos os mantos enco-bridores de mistério e comp-passado o funéreo bailado a que os seres e as cousas se dedicam perfeitamente, esse espaço de tempo talhado e con-tado pelo nosso calendário, gasto e desgasto em torpezas, degradações e misérias, levou sumiço para o abismo dos sé-culos, pontapeteado pela graça juvenil e prometedora do ano de 1936, corrido e vaiado como se rabo levasse.

Levou sumiço ou soergueu-se em turbilhão de poeira, deixando como única recorda-ção a máscara com que se dis-farçara e a gargalhada atroz que soltara ao estoirar em toada de catástrofe — enxurro feito lama, e areia depois.

Entretanto, menino entre doutores, o novo ano canta a sua filosofia, diz amar a Hu-manidade, cisma na dor que existe pelo Mundo, recreia-se na lembrança de um beijo dado por Amor, e, de tudo que lhe apontam como cousa misteriosa, simbolismo ou sepulcro, entende ser dever seu coar o receio no filtro da paz, adivinhando os queixumes que para seu desgraçado pai se tornaram exprobações.

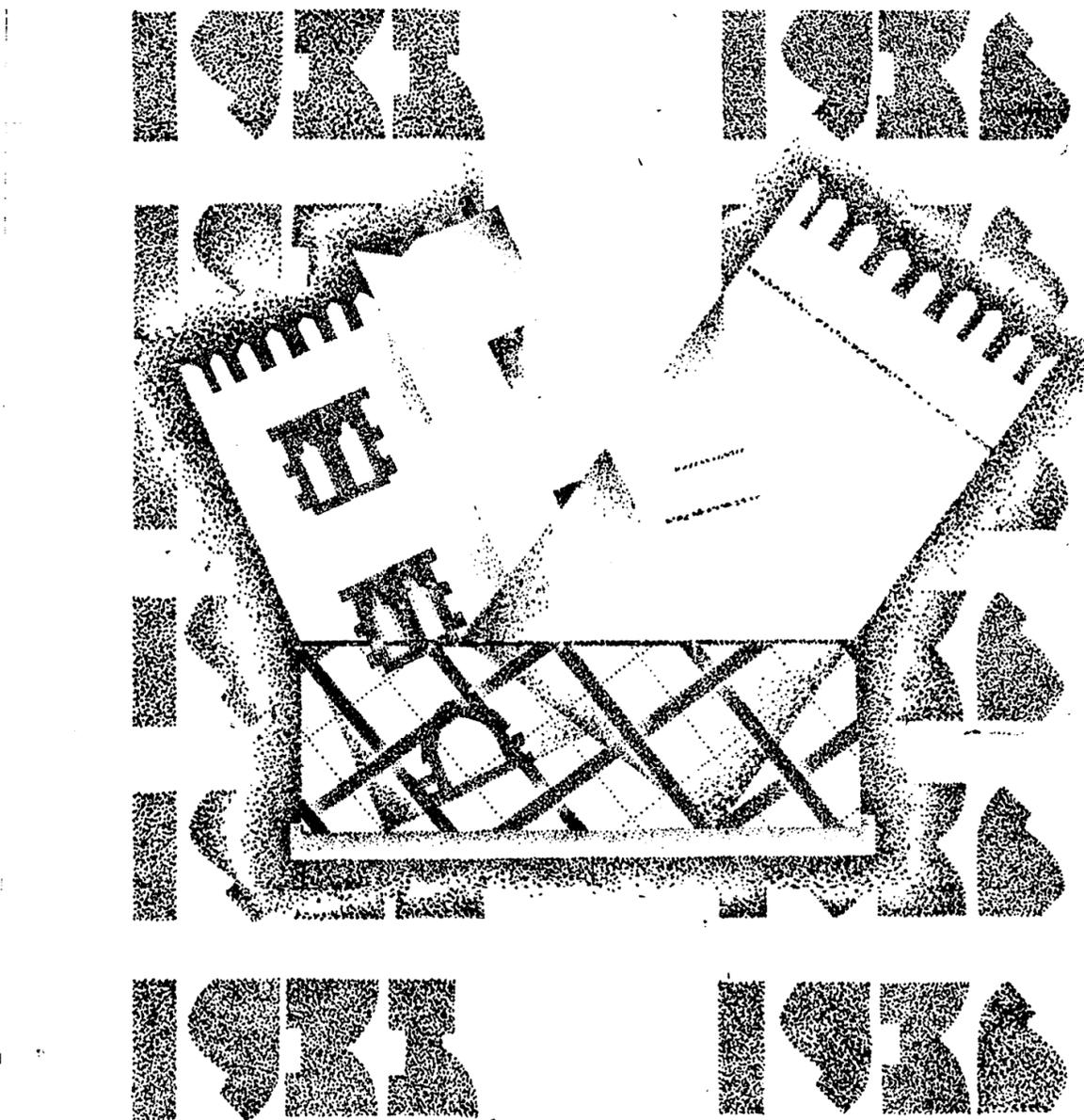
Renega os crimes da maté-ria, repudia os crimes do espí-rito e, não compreendendo os sorvos da existência, arranca de si próprio a promessa falaz, doirada e bela, que se derrama pela desprezível terra e se vai manando de alma para alma, trazendo em sus-pensão o sonho e a esperan-ça, promessa tam alentadora que dir-se-ia a primeira luz a alvorecer e a ressurgir na den-sa treva da Incerteza.

Sob os seus pés, como Ga-lileu, sente o redemoinho da Terra; sôbre a sua cabeça, o céu referve de oiro, numa ex-plosão de primavera e sol.

Parece entender a vida...

Porém, depois que se extin-gue esta levada de sonho, volta o inverno e a tempestade, em borbotões lancinan-tes de gritos, e do menino sa-bido entre doutores, não vere-mos outro que não seja o vélho odiento e de compleição informe, esvurmante de escár-nio, que, levando sumiço ou soerguendo-se em turbilhão de poeira, imprime dedadas ne-gras sôbre a Vida despindo-a de toda a sua beleza, harmo-nia e graça, equiparando-a aos monstros que vegetam e cres-cem pela crosta terrestre.

L. COELHO.



Que lindo par...

Ele e Ela... ambos à janela, como o papagaio.

— Estais lá ou sois de gesso?

— Nem sabemos o que somos por nossa triste desventura...

## ○ AMOR MATERNO ○

(Ao Dr. José Sebastião de Menezes)

MÃI, doce e linda palavra, suave como o perfume da rosa, expressiva como a verdade, que o filho só em re-verência devia rezar.

Gerado o filho à custa do seu sangue e dado ao mundo com risco da própria vida, começa então para a mãe uma odisseia de amor, cuidados e sacrifícios.

Acalentando nos braços o filho estremecido e pequenino, interrogação quanto ao que será na vida, a mãe faz lembrar Maria a embalar Jesus.

Podem esses braços estar emmagrecidos por doença ou por miséria, mas o filho sente-se nêles como se fôsem de arminho, tal a ternura e le-veza com que o encolam. E, tenrinho, todos os seus sentidos e faculdades em comêço de formação, sabe já conhecê-los e distingui-los dos estranhos pelo mimo e suavi-dade que nêles encontra.

O filho cresce, faz-se ho-mem.

As suas virtudes são consi-deradas pela mãe até o exa-gêro. Aparentando modéstia ao ouvi-las enaltecer, cala-se, sorri, mas o seu silêncio e o seu sorriso só têm um fim em vista: deixar que os outros continuem a exultá-las até à hipérbole, porque isso a delicia e lisongeia o seu amor.

Os defeitos do filho não os vê. Se o mundo os aponta, nega-os, atribue essas falas à inveja, a más-vontades; mes-mo que não possam deixar de se lhe tornar patentes, nem assim os confessa, consi-dera-os como efeitos de más companhias. O seu amor le-va-a a pensar que, negan-do-os, deixa o mundo, pelo menos, na dúvida quanto à sua realidade.

Para as gentilezas do filho, por mínimas que sejam, tem sempre um íntimo reconheci-mento; para as afrontas que lhe faça, tem sempre uma pa-lavra de perdão, porque na sua alma só há compaixão e amor para êle.

A ausência do filho, mes-

mo prolongada, não entibia o amor da mãe: a ausência tem para o seu amor um efeito se-melhante ao que para as mon-tanhas possui o poder lenticular da noite: aumenta-lhe as proporções.

Com o filho ausente, para a mãe o tempo é como que parado: as horas parecem-lhe dias, os dias custam a pas-sar como se fôsem meses, os meses demoram como anos. O longe da vista é para ela dentro do coração.

E a ânsia de o ver regres-sar é como azeite que sem intermissão é deitado na can-deia acesa do seu amor.

Na volta, ao abraçá-lo, ao beijá-lo, o seu amor mani-festa-se quente e vigoroso, como se êle tivesse partido na vé-pera ou jamais dela se apar-tasse.

A doença do filho exalta o amor materno.

Com o filho doente, a mãe multiplica-se nos cuida-los e sacrifícios, esquece-se de si para só pensar nêle; encontra forças na própria fraqueza.

Vigílias consecutivas ao lado do filho, não a fatigam nem a fazem esmorecer.

Não cede o seu lugar a nin-guém. Uma ideia fixa a dirige e a fortalece: vê-lo melhorar, salvá-lo.

A morte do filho purifica, espiritualiza ainda mais o seu amor de mãe. A recordação saudável do filho que Deus levou, jamais se apaga da sua memória. Pode vir a ter mais filhos, mas nenhum ocupará o lugar do que morreu. Esse, nas horas de recolhimento íntimo que para ela são todas as que passam, na sua saúde imarcessível, na dor infinda de o ter perdido, estará sempre presente.

Essencialmente altruísta, o amor materno só tem um in-teresse: o bem-estar do filho; e um sonho de todos os dias: vê-lo engrandecer.

Tam sublime como o amor materno, só a saúde vene-radora do filho a rezar, de joelhos, ante a campa da mãe.

JOÃO AIRES DE AZEVEDO.

### Apresentação...

CÁ estou.

Depois de decorridos 1935 anos, chegado a minha vez. Apresento-me sem progra-ma, mas prometo ser mais transigente e mais benevolente do que o meu antecessor, que findou sem deixar saú-dades, tantas foram as contra-riedades que espalhou por todo o mundo, fomentando a guerra em vez de conseguir estabelecer a paz, aumentando a carestia da vida e não diminuindo o flagelo do de-semprêgo, criando, emfim, tor-turas e desalentos de toda a espécie. Eu procurarei atenuar todos estes males, quando não possa — durante o meu rei-nado de 366 dias — fazê-los desaparecer por completo.

Usarei da maior tolerância e não negarei o direito e a justiça a ninguém e tomarei na maior consideração a pro-tecção à família, amparando-a e protegendo-a. Serei defen-sor intransigente do progresso, porque sem êle não pode ha-ver a felicidade, não pode ha-ver o bem-estar.

Procurarei congarçar a famí-lia de todas as Pátrias, levan-do a umas a luz redentora da civilização e incitando as já civilizadas a não abusarem dêsse grau de perfeição, exem-plo que considero sublime e grandioso. Suavisarei, tanto quanto possível, os sacrifícios que actualmente pesam sôbre vários povos e acabarei com o abismo para o qual alguns estão a caminhar.

Exercerei o meu mandato por meio de leis brandas e to-lerantes, não exercerei violên-cia, se não em casos excepcio-nais, e será êste o maior laço de união entre mim e a hu-manidade, evitando, assim, ódios e desavenças que me possam criar antipatias e des-gostos. Preferirei à violência os meios suasórios, salvo quan-do por ameaçado o prestígio da minha autoridade, que de modo algum deixarei perder. Não traçarei armas contra o ca-pitalismo, mas lutarei impiedosa-mente contra a expansão da miséria e envidarei todos os meus esforços no sentido de aliviar a infelicidade de todos aqueles para quem a sorte tem sido a arma mais trai-çoeira e mais cruel.

Não faltarei com os produ-tos da agricultura, a aspira-ção máxima das classes pobres, e darei início ao grandioso monumento da solidariedade humana, onde possam caber todos os povos, pelo menos todos os que estejam integra-dos no amor do próximo.

Para conseguir a realização dos meus desejos, conto com a boa vontade e cooperação de todos os habitantes que constituem a população do globo, pois só assim poderei dar finalidade aos meus pon-tos de vista. O dia que tenho a mais do que o meu anteces-sor, é uma vantagem para mim, porque me destaco em idade e, conseqüentemente, com mais probabilidades de criar simpatias, que serão o mais duradouro reflexo da minha passagem pelo vasto mundo da vida.

Está, pois, feita a minha apresentação.

BISSEXTO 1936.

VISTADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

# CORONEL CAMPOS REGO

Mais um apóstolo e dos mais fervorosos da gratidão para com os heróis da Grande Guerra, o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Coronel Mário Herculano de Campos Rêgo, vem hoje juntar-se, com a sua autoridade de combatente de África e França, a essa pléiade de ilustres combatentes que neste jornal têm advogado a construção do monumento que há de glorificar os filhos de Guimarães.

Faz, S. Ex.<sup>a</sup>, parte da segunda patrulha de intelectuais que não na Terra de Ninguém, mas na Terra da Indiferença se batem com denodo e galhardia, pelo bom nome de Guimarães.

Bem haja S. Ex.<sup>a</sup> pela sua generosa colaboração que o *Notícias de Guimarães*, regista com orgulho e agradece como gentileza excelsa, em prol da gratidão para com os mortos da Grande Guerra e do bom renome desta terra, berço de guerreiros, dignos descendentes de Afonso Henriques.

Bem haja!

### O resgate

Vão decorridas duas dezenas de anos sobre o tempo em que uma centena de milhar de soldados de Portugal, chamados a cumprir o mais nobre dever que sobre o homem impende — o de defender a honra da Pátria e o nome e segurança do património comum ameaçados — partiram cheios de ardor a engrossar as falanges destinadas a opor-se às ambições imperialistas da Alemanha.

Nas plagas africanas, na imensidade dos mares e nas planícies do norte da França, em climas diametralmente opostos, sob a acção nefasta do sol ardente e das mortíferas lâmpadas de África, na labuta contra o mar embravecido ou em luta contra os submarinos germânicos, ou ainda sob os gelos e lamas torturantes da Flandres, sempre e em toda a parte sofrendo e lutando contra múltiplos inimigos — o «boche» aguerido e desial e o clima e os elementos inexoráveis e traiçoeiros agindo só ou em cooperação com soldados de outras nações mais poderosas e ricas e que por isso fruíram incomparavelmente melhores condições de conforto, condição primária para a conservação e elevação da força moral; vítima quantas vezes de faltas de assistência material e até moral; sofrendo não raro as desastrosas consequências de erros que muito de cima partiam e que, traduzindo-se em frequentes e nem sempre bem norteadas orientações políticas e mudanças de comandos, afinal tinham sua natural e fatalíssima reflexão no mal-estar das tropas e nos êxitos das operações militares; joguete passivo, emfim, manobrado ao sabor das paixões que impulsionavam a acção dos seus condutores, o soldado de Portugal, por força das qualidades inatas da raça, houve-se, apesar de tudo, sempre com brio e sem desdouro de comparação e soube, em todos os pontos onde foi chamado a actuar, dignificar o nome português e honrar as gloriosas tradições pátrias.

Da sua resignada conformidade, do bom humor com que aceitou e executou todos os sacrifícios que lhe foram exigidos, da coragem serena com que devotadamente aniquilava a saúde ou vertia o seu sangue, das origens desses sentimentos o que diriam, se lho houvessem perguntado, alguns, talvez uma grande parte desses bisonhos heróis e mártires que por serem na sua maioria obscuros não são menos preclaros e respeitáveis como obreiros da vitória dos aliados contra as ambições teutónicas? Não saberiam talvez definir por palavras o sentimento que movia as suas almas abnegadas. Mas, ao imolarem as suas vidas, sem dúvida ao mesmo tempo que lhes passava pelo espírito a recordação e a saudade dos Pais, parentes próximos ou remotos, esposa e filhos ou simples «conversada», um outro orro de luz intensíssima lhes inundava o coração e o cérebro: o claro de glorioso orgulho por terem contribuído com o seu sacrifício para a conservação do rincão natal, para cimentar a independência da Pátria, para o maior prestígio da Nação e da Raça, para um Portugal maior e honrado, emfim.

Pois bem. Entre esses muitos heróis obscuras que sob o sol calcinante das Áfricas, no fundo da vastidão dos mares e sob o árido clima da França deixaram o seu sangue e os seus ossos a empapar as areias e os lódos e a fazer florir a árvore da vitória, não foram os minhotos dos que menos se distinguiram. E entre os minhotos muitos filhos do Concelho de Guimarães se contavam.

Por África os vimos, alegremente sofrendo e sacrificando se, e vimo-los em França formando o 4.º Batalhão da gloriosa Brigada do Minho, ao lado dos filhos de Braga, Viana, Barcelos, etc., e com eles campeando em audácias e rasgos de fria coragem. E, desses, quantos não voltaram!

Vão volvidos perto de vinte anos. Há dezóito anos que terminou a guerra.

A Pátria honrada por esses heróis terá sabido traduzir por forma não abstracta a sua gratidão pela memória desses modestos mas abnegados e não desvaliosos cavouqueiros das glórias nacionais?

Tem ela, essa Pátria que já os nossos ancestris por vezes qualificavam de ingrata, sabido ao menos, pela acção dos seus Governos centrais, prestar e fomentar e fortalecer, nos vivos, o justo, merecido e indispensável culto de hora por esses ignorados heróis?

Pergunta de difícil resposta, que prefiro reservar. Circunstâncias de vária ordem terão decerto impedido que seja levado até tam longe quanto o devia ser esse culto por Aqueles a quem os que ficaram tudo devem.

Mas, têm ao menos as localidades que foram berço a esses heróis, por estarem menos sujeitas a influências dispersivas e absorventes, sabido cumprir esse imperativo e sagrado dever de se honrarem e dignificarem rendendo aos seus filhos heroicamente mortos na Grande Guerra pela defesa do bem comum o devido preito de homenagem, perpetuando-lhes a memória em monumento que, por sempre patente e bem evidente, não permita se diluir a lembrança dos que com as suas vidas sacrificadas argamassaram a continuidade da existência de Portugal e do bem-estar dos seus compatriotas?

Justo é responder afirmativamente, quanto à grande maioria. Cedo ou mais tarde, e quando tarde por vezes mais devido a dificuldades de ordem material ou de burocracia do que a qualquer causa de ordem moral, a maioria das cidades e vilas de Portugal tem hoje erguido o seu monumento aos heróis da Grande Guerra, voto sagrado cumprido pelos coevos, lição e estímulo de dever e honra para as novas gerações.

É Guimarães? A Guimarães, terra da qual as glórias remontam aos allicerces da nacionalidade, a Guimarães, berço de tantos ilustres portugueses, terra de tam preclaras tradições históricas, morais e intelectuais, o que fez?

Pergunta dolorosa e resposta conflagradora:

Essa Guimarães gloriosa de antanho aviltou-se, diminuiu-se a si própria, descategorizou se, irmanou-se com o mais sertanejo burgo: Esqueceu ou ignora os seus heróis da Grande Guerra!!!

Intil que o turista estrangeiro simplesmente curioso ou até deseioso de deferentemente cumprir esse acto tornado essencialmente protocolar, ou o visitante nacional fervoroso cultor da homenagem aos que por todos nós se sacrificaram, busque na Cidade-Mãe da nacionalidade portuguesa a pedra, modesta embora mas eloquente e grandiosa pelo seu significado, onde, como em ara sagrada, queira depor as suas orações pela grandeza da Pátria e fazer a invocação dos Heróis da Grande Guerra.

Guimarães deve e há de resgatar-se sem demora desta vergonhosa excepção. Assim o cremos e por tal deixamos aqui os nossos votos.

Lisboa, Dezembro de 1935.

Coronel CAMPOS REGO.  
Combatente de África e França.

# ROTAÇÃO IMUTÁVEL

*E' na stepe da dor, imersa em gèlo,  
Que as sombras em roldão, dum pesadèto,  
Fogem espavoridas, desgrenhadas,  
Como gigantes nùvens accosadas  
Por forte vendaval!...  
Sombras que se entrelaçam  
E que se despedaçam  
Numa onda de sangue, triunfal!...*

*E a vida sempre infrene, a galopar,  
Transpõe desfiladeiros, sem parar,  
Num desafio à morte enfurecida,  
Que não pára, também, enquanto a vida  
A não cansar,...*

*E no palco do mundo,  
Pertença do teatro do infinito,  
Ressoa um grito  
Horrendo, formidável!  
Que peito o arrancou? de quem será?  
Talvez (sabe-se lá!...)   
Do inenarrável!...*

*E os dentes da vingança arreganhados,  
Olhos esbraseados,  
Do ódio, do escárneo e malvadez!...  
E o can-can da luxúria,  
Farrapos e penúria  
E talvez  
Esterco dos tarados!...*

*E' a tragédia insana,  
Negra como um abismo  
E shakesperiana,  
Que ofusca o pensamento  
De quem pensa no bem...  
E o mundo no seu giro rola lento,  
Indiferente ao mal, ao cataclismo,  
A' treva, à luz da aurora,  
Não ouvindo ninguém  
Pelos séculos em fora!...*

Dezembro de 1935.

DELFIN DE GUIMARÃIS.

# A maior Dor... Humana

Donde se prova que nem só os homens sofrem

NÃO se trata positivamente do celebrado soneto de Camilo, dedicado a Teófilo Braga, só porque a traçoceira Parca lhe levará dois filhos queridos e bem amados.

O sentimento, quando espontâneo e sincero, pôsto em boca que julgar-se-ia vitupério e desdém, redobra de beleza e aumenta de enternecimento, inundando de carinho aquela alma entregue ao «dó» e suavizando-a da amargura que a entenebreça, a acicate e a atormenta.

Desponta um raio de luz que fulgura de esperança, renasce a certeza imutável do Universo e gera-se o lenitivo para o sofrimento atroz, em tam elevada dose, que não há agradecimento que bem julgue das palavras ditadas, apresentado o coração nas mãos, e muito menos alívio que se oponha ao triunfo da Vida sobre a Morte.

A dor existe! — di-lo muita gente.

A dor existe, em verdade, desde que o mundo é mundo.

Não se torna preciso que os psicólogos a determinem no consciente ou subconsciente dos componentes dos três reinos da natureza, do grão de areia do infusório, dêste até ao Homem, e daqui até Deus.

Vêmo-la despenhar-se como avalanche ou saltitar em cataclipe de torrente, fascinando-nos perante a sua imensidade ou prendendo-nos nos seus olhos verdes de náide...

A dor toca as mais simples organizações celulares e reflecte-se nos organismos mais ou menos complexos, quer na vida vegetativa quer na vida verdadeiramente orgânica, provocando-lhe um sabor tam estranho, que, pretender apagá-la, diluí-la ou mitigá-la sequer, seria desejar ir de encontro aos ditames do Verosímil, negar a própria origem e desviar-nos da função para que nos criaram.

Vivemos — e da promiscuidade com que ombramos todos os seres vivos, a nossa alma vibra e dinamiza se num refluxo que mana da existência terrenal, como se descobrissemos sensibilidade nas pedras e mais do que o instinto nos animais irracionais.

A ordem impertérrita de vagar os antigos Paços dos Duques de Bragança e ex-Quartel do Regimento de Infantaria n.º 20 — as toupeiras construíram solidamente a sua galeria —, a mula que ali fora parar por escolha da Comissão da Remonta, não sabemos se chocada dum saudosismo que só no seu fino instinto deve ter explicação, pronta e repentinamente, como besta de fábula, deixou de trilhar a palha da razão e... adoeceu.

Dizem-nos que o seu estado inspira sérios cuidados. De olhos fitos na manjedoura, tendo sepultado já o seu corpo pesadão na cama que mãos carinhosas lhe vão renovando, parece ter seus dias contados, protestando e negando-se a dar um passo que represente uma transferência, imitando na sua agonia aquele leão que preferia morrer «duas vezes» a suportar o couce do burro que tanto o magoara...

E concentrando e absorvendo o espírito no quadro que nos pintam em palavras singelas e tintas menos carregadas, já nos aparenta vazio de vida aquele Paço e antigo Quartel, a não ser que uma nova mula... mulada entre o portão fechado e se julgue com direitos a instalação e cama, julgando-se substituição vantajosa.

Até nos animais se reflecte a dor!

# Gazetilha

*Em profecias em barra...  
Madame Thebas e o meu  
Colega — amigo Bandarra,  
Profetizam como eu...*

*Sei que ninguém é profeta  
Na sua terra natal,  
Mas atingindo a meta  
Da ciência vireal,  
Eu diviso em linha recta  
Este signo original:*

*Um e nove, três e seis,  
Ressurgirá esta terra,  
Que como vós bem sabeis  
Está pior que uma serra;  
Empatas não mais tercis  
Ao moimento da Gran-Guerra.*

*Até se me não engano,  
Vem o nosso regimento;  
Pró Liceu — sétimo ano;  
A Gil — outro monumento;  
Vai haver labor insano  
Pra festas de espavento.*

*O teatro, êsse é certo  
Que se vai reconstruir;  
A música também vem perto  
E breve se faz ouvir,  
Voltará êste deserto  
Novamente a progredir.*

*O edificio dos Paços,  
A Praça e as Avenidas,  
Dentro duns anos escassos  
Também estão construídas,  
Pois já há cem mil palhaços  
Pra estas obras queridas.*

*E mais nas estrélas leio  
Que o tal Duque de Bragança,  
Na carroça do correio  
Partirá chelo de chança,  
Para as bandas donde veio,  
Por ser vaidosa criança*

*E o Claro e o Miranda,  
Também vão daquela banda.*

*Já foi fundido o canhão  
Que existia no Quartel,  
Mas outros canhões virão  
Pra substituir aquele,  
E castelos se farão  
Para gáudio do... «foi êle!»*

*Até o nosso Orfeão,  
Cantará um cantochão.*

*Far-se-á outra Estação,  
E as festas da cidade  
Como jamais se farão;  
Virá outra edilidade;  
Água e luz não faltarão...  
Eis o signo de verdade.*

*E, por isso, sê benvido  
O' ano de trinta e seis,  
Ano Novo — muito lindo  
Sois vós se assim procedeis.*

CLAROS.

# O Natal dos nossos pobres

(Conclusão)

Transporte	1.057\$00
Anónimo	5\$00
Anónimo	5\$00
Alberto da Silva Caldas	50\$00
Antonio José Pereira de Lima	20\$00
D. Rita Moura Machado	5\$00
Abílio Miranda	10\$00
João B. Pereira	5\$00
P. S. F.	20\$00
D. Maria José Mota Prego	5\$00
João Formozinho Macias	10\$00
Manuel Joaquim Pereira de Carvalho	5\$00
Total	1.197\$00

NOTA. — No nosso número passado safo o nome de D. Júlia Simões em vez de D. Júlia Siméns. Que a bondosa benfeitora nos desculpe.

### Distribuição de esmolos

A distribuição das esmolos effectuou-se na nossa redacção, durante todo o dia da véspera de Natal, tendo-se iniciado às 9 horas da manhã.

Contemplamos:

4 famílias envergonhadas a 10\$00	40\$00
252 pobres a 2\$50	630\$00
105 » » 5\$00	525\$00
1 pobre	2\$00
Total	1.197\$00

Na impossibilidade de publicar a nota dos pobres contemplados conservaremos em nosso poder, e pelo espaço de oito dias, os documentos comprovativos da distribuição feita, podendo qualquer pessoa fazer a sua consulta, em todos os dias e durante aquele prazo, das 12 às 14 horas ou das 18 às 19.

Resta-nos agradecer, muito reconhecidamente, a todas as pessoas que acorreram ao nosso apêlo, enviando-nos os seus donativos, num gesto de caridade e amor pelo próximo que é digno do maior louvor e gratidão.

### Estabelecimento de Pichelaria

Simão António Fernandes tendo-se afastado do estabelecimento que girava sob a firma José Gonçalves e que tem a sua sede na rua de S. Damáso, participa aos seus estimados amigos e clientes que acaba de abrir o seu estabelecimento de funilaria e pichelaria, à rua de Camões n.º 10-12, onde de oravante receberá as suas prezadas ordens.

Guimarães, 31 de Dezembro de 1935.

Simão António Fernandes.

# Carta aberta a Sua Excelência o Senhor Ano de 1936

SENHOR: Quando nos resolvemos escrever, acusando a recepção de sua chegada a estes reinos, cada vez mais reinados, após ter desaparecido, ao bater no relógio da nossa Sé sem Bispo, a derradeira badalada de 31 de Dezembro, pensamos gravemente nos muitos cuidados e canseiras que a sua chegada provocou em todos os Vimaraneses, dando-lhes a maluqueira para fazerem espirrar o champagne doirado em doiradas taças de fino cristal.

Bem sabemos que o Senhor Ano de 1936 terá todo o empenho em seguir as pisadas do Senhor Ano de 1935, mas, por Deus!, o nosso desejo será o de que se engane nos seus propósitos, pois, por forma alguma, a Cidade e a sua boa gente querem continuar uma vida... de caranguejo.

Dizem-nos que V. Mercê chegou de cuécas e respectivas grebas, com pau, corda e tudo — como nos bons tempos do «rei Nosso Senhor D. Miguel». Não estranhemos a indumentária; pelo contrário, achamos bem. E como a previdência em V. Mercê é elástica em tudo, prevenindo perigos maiores para a sua preciosa vida ao atravessar as ruas da cidade, nestes dias de aguaceiro constante e impiedoso, a sua indumentária tirar-lhe-á o trabalho de arrastar as calças e de levantar as abas da sua rabona como há séculos o faziam as meninas e as senhoras ao atravessarem o Toural para irem à Missa do meio-dia.

Achamos óptimo, e mesmo muito interessante a sua lembrança! *Cuécas e grebas, pau e corda!* E' o ideal moderno dos que à volta dos séculos percorrem o globo terráqueo como os bons e experimentados *escutistas* da orgulhosa Inglaterra dos eternos noveiros...

Não se espante V. Mercê com êste nosso modo de recebê-lo! E' feição velha cá na grei bem receber os que tam bem se sabem apresentar — e o *Notícias de Guimarães*, para tanto, *mobilizou-me* para a recepção a fazer nas suas colunas ao Senhor Ano de 1936!

Vontades mais altas se levantam na nossa alma, mas, para não assustar o seu espírito novo, nem irritar o seu gênio birrento de menino bissexto — o Senhor Ano de 1936 traz cara de Vulcano — limi-

tam-se a esperar por que o seu relógio acerte com o da humanidade em conflito aberto com a ambição e o egoísmo dos potentados e poderosos que os modernos (?) sistemas tentam, sem o conseguir, refrear nos seus ímpetos de agressividade e de rapina.

Saíndo-o, apesar de nenhuma esperanças termos na bemfeitoria de V. Mercê, esperamos contudo que o Senhor Ano de 1936 não será feio como o querem pintar, crendo em que breves dias surgirão de felicidade e progresso para Guimarães e para todos os portugueses; mas, para isso, necessário se torna substituir a sua indumentária pela de um bom burguês moderno, capaz de tudo e de mais alguma cousa, que não seja o de continuar a mimosar-nos com «velharias vimaranenses» sem proveito nem honra para o... Convento.

E... Deus super omnia!

SERÁFICO.

### Cumprimentos de boas-festas

Além de muitas outras pessoas, amigos, colaboradores, assinantes, anunciantes e representantes de vários organismos — que vieram apresentar-nos cumprimentos de boas-festas, recebemos telegramas e cartões dos seguintes amigos: P.º Alberto Gonçalves, Capitão Manuel da Silva, Leão Martins, Freitas Soares, Delfim Guimarães, António Vilaça, todos nossos ilustres colaboradores, Tenente Manuel de Jesus Rebelo da Cruz, digno Comandante da G. N. R., Dr. Manuel José Ferreira da Costa, ilustrado professor do Liceu Normal de Coimbra, Dr. Manuel Bravo de Faria, inteligente advogado-notário nesta comarca, António Pimenta, importante industrial e comerciante da nossa Praça, o nosso conterrâneo e estimado assinante em S. Paulo sr. Pedro Paulo de Castro Garcia, a firma Costa & C.ª Limitada, do Pôrto, a ilustre Direcção da Casa dos Pobres desta cidade, a Biblioteca Municipal «Silvestre Ribeiro» da Vila Praia da Vitória, Açores, o hábil pintor-cenógrafo, do Pôrto, sr. Felisberto Cardoso, o nosso prezado amigo sr. Domingos da Rocha Guimarães, estimado proprietário da acreditada Ourivesaria e Joalharia Ancora, do Pôrto, Tenente José A. de Matos Júnior, etc., etc.

A todos os nossos agradecimentos e o desejo dum ano novo muito venturoso.

### PROPRIEDADES

**Vendem-se** nas freguesias de Donim — Guimarães e Santo Emílio — Póvoa do Lanhoso, quatro propriedades, bom situadas, com casas, árvores de fruta e vinho. Vendem-se também alguns campos à margem da estrada. Trata Manuel Ribeiro — Santa Leocádia do Briteiros — Taipas.

### GRALHAS

Não é costume nosso fazer referências a gralhas tipográficas, mas como o último número do nosso jornal foi vítima da sua invasão, vimos fazer a rectificação das seguintes: no artigo «Um cavaqueador de Dili-gência», a linha 26, 4.ª coluna da 3.ª página, onde se lê *regulariz* deve ler-se «regulariza»; no artigo «Impiedade e desolação», a linha 16 e 42, 5.ª coluna da 4.ª página, deve ler-se, respectivamente, «Empapada» em vez de *Empanada* e «o infortúnio» em vez de *infartúno*; no artigo «Sombras que passam...», a linha 43, coluna 5.ª da página 5.ª, onde está *renta*, deve ler-se «ronda», na apreciação dum «Novidade Científica» onde se diz *inflúencia* do

mesmo leia-se «inflúencia do meio»; no artigo «A natividade do Senhor», na 2.ª coluna da 4.ª página, a linha 7, em vez de *pela víva do Evangelho*, ler-se-á «pela vinda do Evangelho»; e na página nona, na 3.ª coluna, a notícia com a epigrafe — *Albano Pires de Sousa* — deve referir-se ao nosso prezado conterrâneo e benemérito, sr. Albano de Sousa Guise, residente no Brasil.

# CAMISAS GRAVATAS

Os melhores preços  
O maior sortido só na

# LOJA DAS CAMISAS



DR. RICARDO FREITAS RIBEIRO  
(Fundador da Casa dos Pobres)

A quadra que passa, cheia de recordações e saudades para muitos; de alegrias e de esperanças para outros — o Natal — é a quadra que aproxima os homens e, como Jesus, chama a si as crianças — ainda as mais tristes — para lhes encher a alma de sonhos e consolá-las com palavras de amor e de caridade!

O Natal é a Festa mais cristã e mais bela da Humanidade, porque dum simbolismo cheio de formoso conceito, ele traduz completa e perfeitamente o sentido e sentimento do Homem que, em nome de Deus e da Justiça Social, se deixou matar por Amor aos princípios que norteavam o seu grande Espírito de filósofo e revolucionário de todos os tempos e idades.

De todas as terras portuguesas, aquela que ocupa primordial lugar é, sem dúvida, Guimarães — pela sua intensa e maravilhosa obra de assistência social e moral.

Vem de longe, entre nós, a prática da Caridade: A Ceia, da Consoada, instituída há séculos, e servida na Capela de S. Crispim e S. Crispiniano, é de todos e por todos mantida e acarinhada, ainda hoje, com o auxílio pecuniário dos vimezanenses; outras instituições a nossa terra mantém e sustenta, além de grande número de legados deixados por almas cristãs aos pobres e presos de Guimarães!

E os pobres e os humildes erguem para Deus as suas preces como de súplica e de bênção por Aqueles que lhes dão «o pão que sobra de suas mesas» e agasalho para os seus corpos nus.

Sentimos, por isso, grande orgulho em afirmar isto: Guimarães, não satisfeita ainda com a caridade dispensada aos seus pobrezinhos, não pára nunca nas suas Obras de Misericórdia, e, assim, uma outra obra grandiosa se levanta como um verdadeiro monumento no coração de cada um — todos sentindo que ela carece do auxílio tanto particular como dos poderes oficiais. Criada há pouco mais dum ano, — a Casa dos Pobres — vem dispensando à indigência como às classes pobres uma larga assistência, que os números e os factos não desmentem, antes a confirma duma maneira tam clara e categórica, que, — seja-nos permitido —, muito honra e dignifica quem tam cristã e humanamente concorreu para a sua fundação.

Aproveitando estes dias de festa, quise ouvir alguém que nos pusesse inteiramente ao corrente do que se passa adentro da Casa dos Pobres. Esse alguém não podia ser outro que não fosse o sr. João Teixeira de Aguiar — alma de verdadeiro vimezanense, com vontade férrea de querer e... vencer! Mesmo, porque nestas colunas foi prometido, em Novembro último, a quando da nossa visita à sua Cozinha Económica, referir-nos mais largamente à sua acção de benemerência. A ocasião chegou, e uma noite destas — a chuva

# PELOS POBRES!

Falam os números e os factos. Uma instituição que caminha na Terra como S. Francisco sobre as ondas. As lágrimas dos humildes e as almas abrasadas pela fé  
x x x de bem servir as Obras de Misericórdia x x x

fustigava impiedosamente a terra e a ventania soprava rija e ameaçadora na aprazada hora fomos ouvir da própria boca do sr. Teixeira de Aguiar, a última palavra. Devemos também dizer — por amor à verdade e à justiça — que muito nos auxiliou na nossa missão o seu actual director-tesoureiro sr. Joaquim Laranjeiro dos Reis — cooperador incansável, que, chamado a desempenhar o seu lugar nesta obra que é de todos — por ela tem sacrificado as suas horas de ócio. É preciso acentuar, aqui, que Joaquim Laranjeiro é um rapaz diferente daqueles outros que mais se deixam apaixonar pelo pontapé na bola ou pelos

café em críticas sem senso nem moral, e duma vontade e entusiasmo cheios de amor pela sua terra.

Assim, pois, conhecedor do nosso desejo, Joaquim Laranjeiro, acompanhou-nos de bom grado a casa do administrador-director, lá em cima, no Sabugal.

O sr. João Teixeira de Aguiar, com uma franqueza fora do vulgar, e que muito nos sensibilizou, pôs-nos à vontade — naquele à vontade que caracteriza os homens de bem.

— O prometido é devido, e cá estamos, portanto, às ordens, ou, melhor, o *Notícias de Guimarães* vem ouvir v. ex.ª, na qualidade de muito digno administrador-director da Casa dos Pobres, como também quer ouvir o seu cooperador, director-tesoureiro, que como v. ex.ª vê, nos acompanha nesta nossa missão. O sr. João T. de Aguiar sorri e, amável sempre, convidou-nos a sentar e a beber um cálice de *Pôrto-fino*.

Começa por nos explicar os principais pontos que julga mais importantes para uma maior eficiência para a Casa dos Pobres.

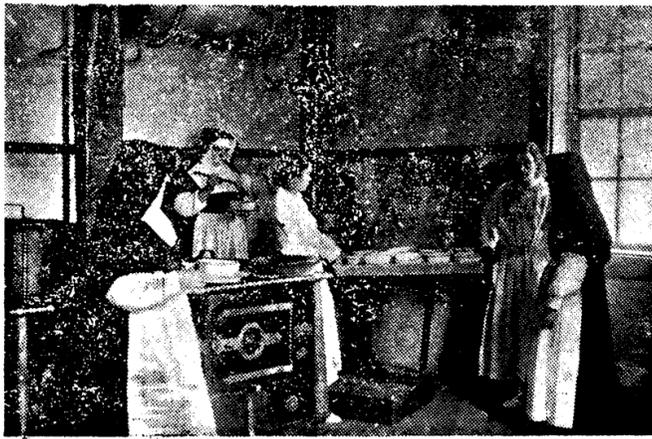
— Pode dizer no seu jornal que é minha intenção, como de todos os que actualmente servem a Casa dos Pobres, melhorar as suas condições de instalação. Começaremos pela Cozinha Económica, tendo a Câmara cedido para isso o armazém nos baixos da Casa, servindo de refeitório da Cozinha, que poderá computar de 100 a 150 pessoas. Mas não acaba aqui, ainda, o auxílio da ex.ª Câmara a obra da Casa dos Pobres. A Câmara foi mais longe nos nossos desejos: mandou levantar a planta, fazer o seu orçamento e a memória descritiva para podermos requerer, pelo Fundo do Desemprego, a indispensável participação do Estado.

O sr. Teixeira de Aguiar, precisando ideias e pensamentos, continua animado: a seguir pediremos a sua ex.ª o sr. Sub-Secretário do Estado e Corporações de Previdência Social um auxílio para as obras. Vem, a propósito, dizer que já enviamos, debaixo sempre do nosso ponto de vista, várias circulares a algumas das mais importantes individualidades oficiais, como sejam: Sua ex.ª o sr. Presidente do Conselho de Ministros,

Ministro das Obras Públicas, Sub-Secretário do Estado e das Corporações e Previdência Social, Director Geral da Assistência e Governador Civil do Distrito. No mesmo sentido, fizemos iguais petições aos srs. Presidente da Junta Geral do Distrito e Comissário do Desemprego.

Como vê, estamos empenhados por que vá por diante a nossa obra.

— Resolvidos e feitos estes melhoramentos aliás indispensáveis numa instituição como é a da Casa dos Pobres, vêm pôr mais à vontade os operários que, diariamente, procuram a Cozinha Económica, salvando-os assim duma vida



A COZINHA DA «CASA DOS POBRES» À HORA DA REFEIÇÃO

atroz para a sua existência como chefes de família. O actual refeitório destina-se a salão de festas e a vários divertimentos, que, servindo os pobres, procuramos educá-los e dar-lhes um certo prazer espiritual que presentemente não têm.

— Aproveitando um leve parêntesis, perguntamos interessados cada vez mais na obra meritória dispensada aos pobres e aos operários.

— Pode v. ex.ª informar-nos sobre o *albergue* da Casa dos Pobres?

— Com todo o gosto. É nossa intenção melhorar tanto quanto possível a sua acção de bem servir os que careçam duma cama — por mais humilde ou pobre que ela seja! Para já temos nove tarimbas, sendo bom não esquecer arquivar nas colunas do seu jornal que seis se destinam a homens e três a mulheres, devidamente separadas. Não é ainda uma cousa perfeita, uma cousa que satisfaça! Todavia, ela vai servindo como pode e deve, bastando dizer-lhe que às tarimbas existentes tencionamos beneficiá-las de maneira a não *magoar* e, assim, dentro em breve elas estarão completas, quer dizer, serão dotadas dum revestimento em pergamoide, de fácil desinfecção, feitas de fofo e pano cru, com seus respectivos travesseiros e dois cobertores para cada tarimba.

— Serão suficientes as tarimbas existentes?

— Temos em vista ampliar mais tarde, se possível for, este melhoramento, mas para isso será preciso utilizar uma nova dependência que sirva para tal fim.

Nesta altura, o director-tesoureiro, esclarece e aponta números. Assim, ficamos sabendo, e, como nós os leitores, que aos *pobres de passa-*

gem é da lá não só a *dormida* como também uma refeição.

Mais adiante, e com o prosseguimento da *entrevista*, o sr. Joaquim Laranjeiro dos Reis, completa o pensamento do sr. João Teixeira de Aguiar.

— Diga-nos. A população vimezanense tem correspondido à *chamada*?

— Sim. A direcção está-lhe muito grata pelo seu auxílio moral e material que vem prestando. E maior é o nosso agradecimento quanto mais belo é e tem sido a sua colaboração auxiliando tanto quanto possível a Cozinha Económica, subscrevendo com importâncias que nos satisfazem. E o nosso agradecimento es-

ta a fazer, nem tam pouco abusar da benevolência de sua ex.ª, despedimo-nos com um *muito obrigado*, dizendo-lhes na nossa despedida que o *Notícias de Guimarães* está sempre com as suas portas abertas para tudo quanto corresponda ao progresso da Terra do seu bom nome e de toda a população vimezanense — a da cidade e do concelho.

Não pára, portanto, aqui a última palavra sobre a Casa dos Pobres. Vai-nos ser dita, como acima se diz, pelo seu incansável director-tesoureiro. Para isso, nos acompanha pela segunda vez, mas agora a caminho da Redacção.

A noite vai avançando sempre e, como sempre, lufadas fortes de vento começam na sua desoladora destruição e ameaças trágicas, às quais as chuvas torrenciais se vêm juntar, pondo grêmios nas almas em sobresalto de angústia e de receio...

— Ponta quebrada, ponta emendada, amigo Laranjeiro. Diga-nos: como apareceu o seu nome tam de repente ligado à vida intensa, laboriosa, desta Casa?

— Em Setembro, se não estou em erro, encontrando-me na Câmara, os meus prezados amigos srs. António José Pereira de Cima e João Teixeira de Aguiar convidaram-me para fazer parte da Direcção da Casa dos Pobres, como seu director substituto. Não aceitei logo como aquela vontade que sirvo um cliente na «Luso», mas se não foi logo vim a aceitar depois, porque os colaboradores eram de boa louça, e, já agora, deixei-me acentuar, a melhor que tenho conhecido e, ainda, porque a obra é daquelas que se vêem com olhos de ver. Não podia, como vê, negar-lhes a minha embora modesta colaboração.

— De maneira que... — ... após o acto de posse, fiquei imediatamente a servir no *activo*, por motivo do meu colega e amigo sr. Teixeira de Aguiar ir à Itália, servindo como tesoureiro.

— Tem sido grande a sua acção? J. Laranjeiro ri, e acrescenta: a minha não, mas é do seu conhecimento a da C. dos Pobres até Fevereiro de 1935, que, sendo já grande, não tinha a acção que agora tem, pois lhe faltava o pessoal dirigente e dirigido. Só pudemos consegui-lo a partir deste mês. Sem as Irmãs hospitalares, nunca esta obra seria o que é, pois estas santas Senhoras vêm exercendo com desinteresse, carinho, abnegação e, também, com muita economia, resultando daí o aperfeiçoamento em que hoje se encontra a C. dos P., que, como vimezanense que me orgulho de ser, sem receio posso afirmar e assegurar — é o melhor que conheço no seu género dentro do país.

— Têm sido grandes as dificuldades?

— Como em todas as cousas. Mas nesta tivemos de vencer um sem número delas.

— Nada mais tínhamos que colher do sr. Teixeira de Aguiar, e as suas impressões, que, são desejos e vontades de vencer mil e uma dificuldades, aí ficam claras como a alma de S. Francisco caminhando sobre as ondas, como a Casa dos Pobres continua na sua obra de bem-fazer.

O sr. Teixeira de Aguiar, num sorriso que quer dizer: — *tenha paciência!*, aponta-nos o seu colega director-tesoureiro, que, como é, conhece de

o fio a pavio a vida interna da Casa dos Pobres.

Como nada mais tínhamos a fazer, nem tam pouco abusar da benevolência de sua ex.ª, despedimo-nos com um *muito obrigado*, dizendo-lhes na nossa despedida que o *Notícias de Guimarães* está sempre com as suas portas abertas para tudo quanto corresponda ao progresso da Terra do seu bom nome e de toda a população vimezanense — a da cidade e do concelho.

Não pára, portanto, aqui a última palavra sobre a Casa dos Pobres. Vai-nos ser dita, como acima se diz, pelo seu incansável director-tesoureiro. Para isso, nos acompanha pela

segunda vez, mas agora a caminho da Redacção.

A noite vai avançando sempre e, como sempre, lufadas fortes de vento começam na sua desoladora destruição e ameaças trágicas, às quais as chuvas torrenciais se vêm juntar, pondo grêmios nas almas em sobresalto de angústia e de receio...

— Ponta quebrada, ponta emendada, amigo Laranjeiro. Diga-nos: como apareceu o seu nome tam de repente ligado à vida intensa, laboriosa, desta Casa?

— Em Setembro, se não estou em erro, encontrando-me na Câmara, os meus prezados amigos srs. António José Pereira de Cima e João Teixeira de Aguiar convidaram-me para fazer parte da Direcção da Casa dos Pobres, como seu director substituto. Não aceitei logo como aquela vontade que sirvo um cliente na «Luso», mas se não foi logo vim a aceitar depois, porque os colaboradores eram de boa louça, e, já agora, deixei-me acentuar, a melhor que tenho conhecido e, ainda, porque a obra é daquelas que se vêem com olhos de ver. Não podia, como vê, negar-lhes a minha embora modesta colaboração.

— De maneira que... — ... após o acto de posse, fiquei imediatamente a servir no *activo*, por motivo do meu colega e amigo sr. Teixeira de Aguiar ir à Itália, servindo como tesoureiro.

— Tem sido grande a sua acção? J. Laranjeiro ri, e acrescenta: a minha não, mas é do seu conhecimento a da C. dos Pobres até Fevereiro de 1935, que, sendo já grande, não tinha a acção que agora tem, pois lhe faltava o pessoal dirigente e dirigido. Só pudemos consegui-lo a partir deste mês. Sem as Irmãs hospitalares, nunca esta obra seria o que é, pois estas santas Senhoras vêm exercendo com desinteresse, carinho, abnegação e, também, com muita economia, resultando daí o aperfeiçoamento em que hoje se encontra a C. dos P., que, como vimezanense que me orgulho de ser, sem receio posso afirmar e assegurar — é o melhor que conheço no seu género dentro do país.

— Têm sido grandes as dificuldades?

— Como em todas as cousas. Mas nesta tivemos de vencer um sem número delas.

Nada mais tínhamos que colher do sr. Teixeira de Aguiar, e as suas impressões, que, são desejos e vontades de vencer mil e uma dificuldades, aí ficam claras como a alma de S. Francisco caminhando sobre as ondas, como a Casa dos Pobres continua na sua obra de bem-fazer.

O sr. Teixeira de Aguiar, num sorriso que quer dizer: — *tenha paciência!*, aponta-nos o seu colega director-tesoureiro, que, como é, conhece de



JOAQUIM LARANJEIRO DOS REIS  
(Director da «Casa dos Pobres»)

A primeira foi a da montagem da *máquina*, uma vez que já tínhamos uma Directora e um pessoal habilitado. Resolvida esta, outras se resolveram. Faltava a última, a mais grave — a das finanças...

Para removê-la, tivemos — eu, e os meus colegas, de então, srs. drs. Ricardo de Freitas Ribeiro, Adelino Ribeiro Jorge e Rev. Padre Borges de Sá — de abordar o ex.º Presidente da Câmara e também presidente da Direcção, ajudando a vencer esta dificuldade, que, ao tempo, orçava por dois mil escudos. Resolvida que foi, por parte da Câmara, que — diga-se — tem por esta Obra a melhor dedicação, iniciamos a refeição aos pobres em 25 de Fevereiro do ano que acaba de findar.

Regressado de Itália o sr. Teixeira de Aguiar, nova modalidade foi estudada, como já sabe, — a da Cozinha Económica. Deixe-me, porém, passar a outro assunto. Os pobres, embora lhes tivessem sido dadas algumas roupas, estavam ainda carecidos de agasalhos. Eram precisos tecidos, pois havia sido criada a secção de alfaiataria. Os senhores industriais, comerciantes e particulares, tudo nos foram dando, mas as necessidades iam crescendo! Surgiu a ideia — magnífica ideia! — de fazer um *assalto* ao centro industrial de Pevidém, e para lá nos dirigimos no automóvel do amigo dr. Freitas Ribeiro.

Recebidos de braços abertos, — pedir para os pobres é sempre humanitário — dentro em pouco regressamos com o automóvel repleto de peças de cotim, riscados, lenços para mulheres, cobertores, colchas, toalhetes, etc.

— Foi portanto, um *assalto*, que os deixou satisfeitos... — Satisfeitíssimos! O Pevidém foi sempre nosso amigo leal, e são poucas as palavras que se lhe dirijam de agradecimento e reconhecimento. Com auxílios desta natureza, a Casa dos Pobres singra na terra como S. Francisco sobre as ondas... — disse V., e muito bem!

— E ficaram por aí?

— De maneira nenhuma! Outros, muitos outros auxílios têm sido recebidos para a C. dos P. Alguns números: a Câmara é o subscritor n.º 1 — 40.000\$00 anuais! Subscritores particulares — sócios da Casa — a ndam à volta de 60.000\$00. Da Administração do Concelho — 3.000\$00.

Os subscritores particulares, sócios e não sócios, deram-nos, afora roupas, géneros, vinho, etc., etc., até à data, cerca de 10.000\$00.

Tenha paciência meu amigo! O seu jornal seria pequeno de mais se lhe fosse a dizer tudo quanto se tem feito pelos humildes!

E agora, deixe-me dizer, entre parêntesis, que lamentei, como o sr. Teixeira de Aguiar nas suas últimas palavras de elogio para o sr. dr. Ricardo, a saída deste tam prestante cidadão, que com muita competência, zelo e abnegação

(Continua na 5.ª página).

DO CONCELHO **Curiosidades Mundanas** **TEMPO**

(Ao Luiz Filipe Coelho)



Só uma linda mulher é que  
pode substituir uma camisa

Tabú

Depositários em Guimarães: **CASA DAS GRAVATAS**  
**DIAS & CARVALHO**  
PRAÇA D. AFONSO HENRIQUES

## A comemoração gilvicentina

### Insistamos

CONTINUEMOS na campanha empreendida pró-monumento a Gil Vicente. Focamos já, em artigos anteriores, que, embora vimaranense, Gil Vicente, de quem Menéndez y Pelayo disse que era um dos mais cativantes poetas do mundo, deu lustre às letras portuguesas.

Ainda há pouco, numa conferência notável que o distinto orador e escritor Dr. Luiz de Almeida Braga, proferiu nas Oficinas de S. José, fez referência ao Mestre dos Autos chamando-lhe «o vosso Gil Vicente». Também no *Correio do Minho*, de 20 de Dezembro corrente, o meu prezado amigo e antigo condiscípulo António Dória, numa brilhante crónica intitulada «O Minho na História e nas Letras» dizia, referindo-se a Guimarães: — «Ali também nasceu Gil Vicente, o grande e ilustre Gil dos *Altos de El-Rey* o criador prodigioso de tantas figuras imortais e que encheu com o seu riso saudável a corte brilhante do Rei Venturoso.»

É curioso salientar que, quando na nossa terra, alguns se preocupam se Gil Vicente seria ou não vimaranense, escritores e estudiosos de nome não duvidam em confirmar o que dizem os nobiliários e, até agora, não foi possível desmentir.

Portanto, no 4.º centenário da morte dessa grande figura que Blanca de los Rios, distinta escritora espanhola, classifica de «el más grande de los dramaturgos peninsulares» no seu notável ensaio «Lope de Vega y el teatro nacional» recém-publicado na bela revista de Madrid *Acción Española*, Guimarães tem o dever

de fazer uma comemoração condigna. A nossa terra não se deve limitar, apenas, às sessões solenes que já noutras terras se prometem. Tem de ir mais longe porque tem de promover a consagração nacional ao fundador do nosso teatro.

Irá, até, uma circunstância curiosa que deve ser aproveitada para associar o Estado à nossa comemoração.

Segundo parece, pensa-se comemorar, com certo esplendor, em Braga, o X aniversário da revolução de 28 de Maio. Sendo assim, aproveitar-se-ia o ensejo — que constituiria magnífica manifestação e alta lição de nacionalismo — de incluir, como um dos principais números desse programa, a consagração nacional a Gil Vicente, nesta nossa terra, tanto mais que o feriado da cidade é a 8 de Junho e consagrado a essa alta figura de vimaranense e de português.

Entendo, por isso, que ninguém melhor que a Câmara Municipal pode tomar esse alto empreendimento, que tanto dignificará a nossa cidade. Também a comissão ou comissões locais da União Nacional poderão, agora, mostrar um pouco mais de vitalidade, interessando-se pela realização desta aspiração vimaranense, que já não é de hoje, porque vem de longe data.

Vai-se reconhecendo, felizmente, que é necessário lembrar, no presente, como exemplos grandiosos a imitar, as figuras gloriosas do passado. Aos monumentos já projectados a D. Afonso Henriques, em Lisboa e ao Infante D. Henrique, na ponta de Sagres, vem-se associar o Ministério das Colónias promovendo a homenagem a Mousinho, um dos bravos da nossa epopeia de África. Porque não devemos nós, também, de procurar interessar o Estado, pelo Ministério da Instrução, na

nossa homenagem a Gil Vicente?

D. Afonso Henriques, o Rei conquistador, tem já na nossa terra, um monumento que é uma obra de arte devida a Soares dos Reis. Isto não obsta a que se procure levantar na Lisboa que o nosso 1.º Rei conquistou aos mouros, um monumento que perpetue o esforço conquistador dos primeiros portugueses.

O Infante D. Henrique tem já, na cidade invicta, que se supõe ter sido a sua terra natal, um belo monumento. Mas, agora, na ponta de Sagres, levantar-se-á, também, um monumento a perpetuar o esforço daqueles navegadores que deram novos mundos ao mundo.

O monumento a Mousinho será a glorificação de todos aqueles bravos portugueses que nas terras ardentes de África defenderam o nosso Império.

O monumento a Gil Vicente, no 4.º centenário da sua morte, será a glorificação da inteligência portuguesa, personificada nesse quasi esquecido burilador de *Aitos* que tanto haviam de influir no espírito cavaleiresco e tam mal compreendido do Rei Desejado.

Vão sendo horas de tomar atitudes, vão sendo horas de dar início aos trabalhos preparatórios dessa irradiável comemoração. Vamos a isso, homens bons da minha terra?

MANUEL ALVES DE OLIVEIRA.

P. S. — Nos meus artigos têm poisado alguns *gralhás*. No último publicado, apareceu «históricas» por «histrónicas».

### Achado

Achou-se um guarda chuva de homem na avenida da estação. Entregue-se a quem provar pertencer-lhe no comando da Guarda Republicana.

Briteiros (S. Salvador) — 26-12-935.

**Rectificando — Prisão — Partida — O tempo** — Noticiamos, há tempos, que o sr. Manuel Vieira da Silva, de Sande — Caldas das Taipas, abatera, nas proximidades da Serra da Falperra, uma ave de aparência milhafre ou milhano (em 12-11-935), com uma anilha contendo os seguintes dizeres «Vogelvarte — Sempack — Helvetia — 80:341». Agora, por notícias recebidas directamente, em circular, da Suíça e respectivo Consulado, no Porto, sabemos que essa ave era um «Sperber» (gavião), e não milhafre ou milhano, ou ainda, como outros correspondentes enviaram para os seus jornais, mocho-rial; nada disso.

Era, afinal, como acima dizemos, e segundo as ditas informações e circular, um «Sperber» (gavião), que foi anilhado em Genebra, em 3-7-935, como ave juvenil, tendo, portanto, percorrido uma distância superior a 1.600 km. — Na próxima correspondência enviaremos cópia da circular em referência.

Na segunda-feira transacta, 23 do corrente, foi preso Custódio da Silva, casado, de 30 anos, morador no lugar do Carvalho, desta freguesia, por ter desviado uma porta e uma janela dumas propriedades do sr. João Antunes Guimarães Júnior, da Quinta da Igreja desta mesma freguesia.

Por ordem do mesmo sr. Antunes Guimarães, já foi pôsto em liberdade por as ter restituído.

Com sua ex.ª esposa, a sr.ª D. Constança Vasconcelos Antunes Guimarães, retirou ante-ontem para o Porto o ex.º sr. João Antunes Guimarães Júnior, a fim de passarem ali, em casa de seu pai, ex.º sr. dr. João Antunes Guimarães, ex-ministro do Comércio e Indústria e actual Deputado da Nação, as festas do Natal.

A toda a ex.ª família Antunes Guimarães desejamos muito Boas Festas do Natal e Ano Bom.

Ante-ontem choveu durante todo o dia. Na noite de ante-ontem para ontem, como ontem todo o dia, a chuva foi abundante e permanente, acompanhada também de fortes e ininterruptas rajadas de vento que causaram graves prejuízos, descobrindo casas e abatendo árvores, muitas das quais obstruíram estradas e caminhos.

Houve grandes cheias nos rios e ribeiros. Hoje continua a chuva e ventania, mas com menos violência — C.

S. Torcato, 20 (Retardada)

**Roubos** — Audaciosos gatuños entraram por meio de arrombamento no estabelecimento do sr. Manuel Martins, no lugar da Madre-de-Deus, freguesia de Azurém, furtando dinheiro e artigos vários no valor de 3.000\$00. Também na freguesia de S. Bento de Donim, Póvoa de Lanhoso, e no extremo deste concelho, os gatuños entraram no estabelecimento de um indivíduo conhecido por «Faz tudo» tendo-lhe furtado mercadorias no valor de 5.000\$00.

Na vizinha freguesia de Garfe, os gatuños assaltaram, também, o estabelecimento da «Mariquinhas do Irco». Foram perseguidos pela gente da casa.

**Sociedade** — Esteve nesta estância o grande benfeitor e nosso ilustre amigo sr. Alberto Pimenta Machado.

Em gozo de férias, encontram-se entre nós os estudantes do Seminário de Braga srs.: Manuel de Matos, Artur Martins da Silva e António de Sousa Guimarães.

Também se encontra entre nós o sr. António Henriques Ribeiro da Cunha, estudante da Escola Normal de Braga.

Deu-nos a honra da sua visita, o nosso amigo rev. Abílio Fernandes Moraes.

**Cumprimentos** — Como estamos no Natal, o correspondente, assinantes e amigos do *Notícias de Guimarães*, apresentam ao seu digno di-

rector os seus cordiais e amistosos cumprimentos de felicitações, boas festas e um próximo ano cheio de venturas e a todos os componentes da imprensa, etc.

Ao sr. Antonino Dias de Castro, ilustre director do *Notícias de Guimarães* apresentamos bem como os assinantes desta freguesia, respeitosos cumprimentos de felicitações pelo seu aniversário natalício, fazendo ardentemente votos para que a sua assistência com optima saúde se prolongue por muitos anos. É o que do coração sinceramente lhe desejamos. — C.

**Uma torre sonora**

A torre Spaski, em Moscou, pos sue um relógio com um carrilhão notável. Toca uma única peça, a *Internacional*, que é transmitida pelo posto radiofónico de Moscou em onda de 1.450 metros. Este relógio foi construído em Milão em 1491 e até 1628 executou canções holandesas. Mais tarde foi consertado por um relojheiro alemão e desde então passou a encantar os ouvintes com um lied. Nicolau I ordenou que executasse uma marcha militar e Alexandre II um psalmo.

Durante a revolução o relógio conservou-se mudo.

**O casamento de estrangeiros na Alemanha**

Segundo uma notícia de Berlim, os estrangeiros que queiram casar na Alemanha não são obrigados ao exame pre-nupcial, conforme a lei da hereditariedade, de 13 de Setembro de 1935. Esta isenção aplica-se igualmente a qualquer indivíduo estrangeiro que pretenda consorciar-se com uma alemã. Por outro lado, se se trata dum alemão que casa com uma senhora não alemã, aquele deverá obter um certificado de exame pre-nupcial. A lei de 13 de Setembro diz que uma mulher de 45 anos pode casar com um homem que sofra de doença hereditária.

**Um avião gigante**

O construtor holandês de aeroplanos Fokker trabalha activamente na construção de um avião gigante, insubmersível, que será utilizado nas carreiras transatlânticas. O novo avião, será totalmente construído na Holanda o que permitirá a este país ter a supremacia no serviço aéreo do transporte de passageiros e de malas do correio através do Atlântico. O aparelho será accionado por oito motores, o que lhe permitirá atravessar rapidamente o Atlântico num só voo e com toda a segurança para os passageiros.

**Os japoneses e os crisântemos**

Os japoneses, depois de terem modificado até ao infinito o volume, a forma e a cor dos crisântemos, acabaram por comê-los em salada. Os hortaliçeiros de Toquio, Magasaki e Yokoama, fazem grande negócio com a venda dessas flores, para o indicado fim.

**Hospital invadido por um enxame de abelhas**

Um formidável enxame de abelhas invadiu um hospital municipal na África do Sul, causando indescritível pânico entre os médicos, enfermeiros e doentes, que fugiram espavoridos para a rua, soltando gritos angustiosos.

As picadas das abelhas causaram a morte a quatro doentes. Por idêntico motivo ficaram em estado grave vários enfermeiros e doentes.

**Se deseja calçado, veja o que a SAPATARIA LUSO lhe indica como novidade**

rector os seus cordiais e amistosos cumprimentos de felicitações, boas festas e um próximo ano cheio de venturas e a todos os componentes da imprensa, etc.

Ao sr. Antonino Dias de Castro, ilustre director do *Notícias de Guimarães* apresentamos bem como os assinantes desta freguesia, respeitosos cumprimentos de felicitações pelo seu aniversário natalício, fazendo ardentemente votos para que a sua assistência com optima saúde se prolongue por muitos anos. É o que do coração sinceramente lhe desejamos. — C.

Um ano passou

Na clépsidra

Gotejante

É no relógio de sol

Escaldante,

De quem os dias contou:

Um, dois, três,

Quatro, cinco, seis,

Sete, oito, nove,

Dez, onze, doze

Até passar

Os agoirentos trezes...

Um ano passou

Na ampulheta

Do tempo

De quem os meses contou:

Um, dois, três...

É et caetera,

Por i fora,

Até doze...

Sem chegar ao treze

(O número fatídico)

Que muita gente detesta!

Que muita gente adora!

.....

Dia um de Janeiro,

O primeiro

Do ano novo!

— Dia de festa!

Ouvi dizer um dia,

Talvez a um prosador

Mas que muitos julgavam

Ser poeta

Por ser um sonhador:

«Cada doído tem sua mania».

E pelo mundo fora

No primeiro dia

Do primeira mês

De cada novo ano,

Há festas de loucura,

De verdadeiros loucos

Sem ter cura!

Mas, ai,

Não sabem o que fazem ..

— Perdoai-lhes Pai!

É isto

Que eu e tu, leitor,

Já temos dito

E ouvido

Milheatas vezes

Ao fim dos doze meses

Quando surge

O primeiro de Janeiro

E fazemos

Tal-qualmente

O que faz toda a gente!

Janerio de 1936

JOÃO NETO.

## Arrendamento

Arrenda-se uma quinta e um engenho de linho, sitos na freguesia de Oleiros, deste concelho. Falar nesta redacção.

## Casa de Vinhos e Pasto

Servindo para Restaurante ou qualquer outro negócio, central e espaçosa, com ou sem habitação, renda barata. Ver e tratar Rua da República, 119-123. — Guimarães.

## O Amor à Terra e à Grei

-- eis o nosso lema --

Vitória!

Os pastéis  
são

O bolo rei  
é

Os doces  
são

Vitória!

da Vitória

da Vitória

da Vitória

Pastelaria VITORIA

Praça da República, 95

GUIMARÃIS

Falecimentos

D. Ercília Leite Mendes Silva

Na sua residência à rua de Santo António faleceu na sexta-feira passada, confortada com todos os Sacramentos da Igreja, a sr.<sup>a</sup> D. Ercília Leite Mendes Silva, dedicada esposa do nosso prezado amigo e considerado industrial e capitalista sr. José da Silva Guimarães e extrema mãe da sr.<sup>a</sup> D. Maria da Conceição Mendes Silva Carvalho, dedicada esposa do também nosso bom amigo sr. Amadeu da Costa Carvalho, importante industrial.

A extinta, que no nosso meio era muito estimada, encontrava-se bastante doente há já longos meses, tendo sido baldados todos os esforços empregados pela ciência.

O seu funeral realizou-se na segunda-feira de manhã, no espaço templo da V. O. T. de S. Francisco onde acorreram inúmeras pessoas de todas as classes sociais, representantes de várias corporações civis e religiosas, instituições de caridade vimezanenses, etc., etc.

Findos os actos fúnebres foi o cadáver que se achava encerrado numa luxuosa urna de mogno conduzido, com grande acompanhamento para o cemitério da freguesia de Sande, onde ficou inhumado em jazigo de família.

A toda a família enlutada e especialmente ao marido, filha e genro da saudosa senhora, apresenta o *Notícias de Guimarães* as suas mais sentidas condolências.

Bernardino de Abreu

No Pevidém, onde residia, faleceu o conceituado industrial sr. Bernardino de Abreu, pai do nosso prezado amigo sr. Domingos da Cunha Abreu, cunhado do sr. Manuel Joaquim da Cunha e sogro dos nossos prezados amigos srs. António Inácio da Cunha Guimarães e Joaquim Ribeiro da Cunha.

O seu funeral realizado naquela povoação foi bastante concorrido.

A família enlutada apresenta o *Notícias de Guimarães* as suas condolências.

Adelino Pinto de Sousa e Castro

Na sua residência à rua Ferreira Caldas, da Vila de Vizela, faleceu há dias, o nosso prezado amigo sr. Adelino Pinto de Sousa e Castro, estreitado filho do sr. Júlio Pinto de Sousa e Castro, sobrinho do saudoso vizelense sr. José Pinto de Sousa e Castro e primo do nosso prezado amigo e distinto clínico da mesma vila sr. dr. Alfredo Pinto.

O seu funeral, realizado na freguesia de S. Miguel das Caldas, constituiu uma significativa manifestação de pesar a que se associaram inúmeras pessoas de todas as camadas sociais.

A família do saudoso finado apresenta o *Notícias de Guimarães* as suas sentidas condolências.

João Abreu

Após um prolongado e martirizante sofrimento, faleceu ante-ontem, da parte da manhã, na casa da sua residência ao Largo da Condessa do Jucaal, o nosso prezado amigo sr. João de Faria e Sousa Abreu, antigo e inteligente tesoureiro-aposentado da Câmara Municipal. O saudoso extinto, que durante anos exerceu com muita proficiência o lugar de Comandante dos Bombeiros Voluntários desta cidade, era um homem de excelentes qualidades, e virtudes cívicas, pelo que a notícia do seu falecimento consternou todos os seus inúmeros amigos, que o admiravam e respeitavam.

O querido extinto era irmão do sr. Alberto de Faria e Sousa Abreu, ausente no Brasil, das sr.<sup>as</sup> D. Deolinda Faria e Sousa Abreu Vieira e D. Maria da Conceição Abreu Pereira, e cunhado do sr. José Augusto Ferreira Vieira, negociante na cidade do Pórtio; tio dos srs. Gualdino, José Gilberto e António Gualberto Pereira, Alberto e João Carlos Abreu, Elísio Abreu e da esposa do sr. Armando Andrade.

O seu funeral realiza-se hoje. A toda a família enlutada apresentamos a expressão dos nossos sentimentos.

O nosso número do Natal

O número do Natal do *Notícias de Guimarães* foi muito apreciado pelos nossos leitores, alguns dos quais pessoalmente, uns, por escrito, outros, nos trouxeram felicitações e palavras amigas de incitamento, que muito nos penhoraram.

Bastaria o sabermos que os leitores gostaram desse número e compreenderem, portanto, o nosso esforço e a nossa boa vontade de trabalhar e de servir, para que nos sentíssemos satisfeitos e animados do melhor entusiasmo para que o *Notícias* continue a corresponder ao bom acolhimento do público.

A todas as pessoas, pois, que nos manifestaram o seu aplauso, quer directo quer indirectamente e ainda aos nossos prezados colegas que se referiram em termos cativantes ao número do Natal do *Notícias* os nossos maiores e mais sinceros agradecimentos.

PELOS POBRES!

(Continuação da 3.ª página)

exerciu o cargo de director-secretário, êle que foi o principal fundador da Casa, o braço direito de Teixeira de Aguiar e, depois, meu — o homem que se dedicou e empenhou pela Instituição que agora espalha o Bem e a Virtude por tantas bôcas famintas! O esforço e canseiras do sr. dr. Ricardo de Freitas Ribeiro já-mais se apagarão da memória de todos os Vimezanenses! Sentimos a sua falta, porque encontrávamo-lo sempre pronto para a luta — e o sr. dr. Ricardo para vencer sabia lutar sem olhar a desgostos ou a contra-tempos. A seguir, outro amigo se afastou: o sr. dr. Adelino Jorge, alma aberta a todas as boas iniciativas de beneficência e caridade, tantas vezes quantas se lhe tem pedido para prestar o seu concurso a esta ou àquela corporação civil ou religiosa, norleando sempre o seu critério inteligente e sabedor por um forte princípio de justiça e disciplina. Na qualidade de director-substituto, então em completa actividade, o sr. dr. Adelino Jorge teve um árduo trabalho como o sr. dr. Ricardo: o de procurar todas as moradas dos subsidiados, informando das necessidades destes.

— Porque saíram tam valiosos elementos?

— Não esperava, confesso, a sua pergunta; e, como quem procura uma resposta fácil de satisfazer a nossa admiração, remata: Não posso responder-lhe, quer como director da Casa dos Pobres, quer ainda por falta de conhecimentos.

— V. deu-me uma nota do que se tem feito e que fiz publicar no meu jornal no número especial consagrado à Festa da Família. Pode agora informar o *Notícias* mais detalhadamente?

— A tudo posso responder, pois de tudo tenho os indispensáveis gráficos.

E o escrupuloso e inteligente director-tesoureiro mostra nos um pequeno livro a que êle chama de «Anotações». Vamos começar, dis-nos, pela sopa aos pobres, que, como já tive ocasião de frisar, foi iniciada no mês de Fevereiro.

Os números vão saltando aos nossos olhos inquietos e espantados! Figura Fevereiro apenas com quatro dias — 25 a 28 — sendo fornecidas 360 refeições. A seguir, em Março, com 3:410; Abril, 3:751; Maio, 3:975; Junho, 3:636; Julho, 3:732; Agosto, 3:746; Setembro, 4:413; Outubro, 4:730. Nesta altura, Joaquim Laranjeiro exclama, entusiasmado: os números apontados não se referem só à sopa, mas também a pão, assim como às quintas e domingos fornecemos um prato e vinho. Porém, como tendem a melhorar as condições económicas da C. dos P., principalmente a sua organização, esperamos alargar a sua esfera de beneficência. Assim, veja os números referentes ao mês de Novembro: sopas, 4:670; pão, 4:670; prato, 900 e vinho, 900 copos.

— Os números que nos dá, estão certos?

— Precisos, muito claros! Estes e mais alguns que a seguir lhe direi. Compreende, a Direcção da C. dos Pobres algum interesse tem em vir dizer a público aquilo que não faz — enganando-se a si própria e aos seus subscritores. Os serviços internos giram em completa meticulosidade!

No fim de cada mês, são-me fornecidos, pela muito digna Directora, os gráficos que faz a fim de serem escriturados.

— Mas V. é tesoureiro, ou é secretário?

— Devo esclarecê-lo que, em reunião de 20 de Julho p. f., fui nomeado director-tesou-

reiro efectivo, cargo que sempre servi mesmo como substituto e, como disse, em actividade. O cargo de director-secretário, ocupa-o o rev. padre Borges de Sá; todavia, o serviço de balancetes está ao meu cuidado.

— Subsidiám, presentemente, muitos pobres com refeições?

— 48 com 56 diárias. Há também os chamados pobres de passagem, que comem e dormem, e alguns — os mais idosos — recebem subsídio pecuniário para se poderem transportar para as suas terras. Mas é melhor ouvir os números representados em dinheiro dado a indigentes de passagem: 1934 — Junho, 7\$50; Julho, 33\$60; Setembro, 67\$50; Novembro, 29\$00; Dezembro, 5\$50. 1935 — Janeiro, 22\$50; Fevereiro, 30\$00; Março,

69\$00; Abril, 12\$50; Maio, 18\$90; Junho, 32\$00; Julho, 37\$50; Agosto, 33\$10; Setembro, 16\$50; Outubro, 7\$00; Novembro, 25\$00. Passaram pelo nosso Albergue 195; além destes subsidiados dados, como digo aos pobres de uma certa idade, receberam mais o da comida e dormida. Sobre as tarimbas, já sabe o que se pensa fazer pela bôca do meu amigo sr. Teixeira de Aguiar, cuja transformação deve custar cerca de 800\$00.

— Quantos são os pobres internados?

— Actualmente temos 18, sendo 11 homens e 7 mulheres.

— Estes internados prestam quaisquer serviços?

— Aqueles que a sr.<sup>a</sup> Directora julga em condições de os prestar, destinam-se a serviços compatíveis com as suas forças: uns, na alfaiataria e sala de costura; outros, na cozinha e limpeza. Além destes internados, temos outros remunerados, a saber: 2 no Balneário, 1 na Barbearia, 1 no quintal, 1 na Secretaria e 1 porteiro. Agora temos a seguinte despesa feita com o subsídio de renda para habitação: 15 subsidios mensais que importam na quantia de 183\$00.

E o nosso entrevistado continua: São várias as modalidades existentes na C. dos P. Assim, e se não está ainda cansado, dir-lhe-ei algumas.

— Precisamente, quer dizer-me o número de pobres que recebem subsídio só em dinheiro?

— 189, distribuídos pelas seguintes freguesias: Oliveira, 56; S. Sebastião, 31; S. Paio, 28; Creixomil, 34; Azuré n, 12; Urgêzes, 9; Costa, 8 e Fermentões, 12.

— Diga-nos ainda. Pode já dar-nos alguns esclarecimentos do mês de Dezembro?

— Posso. Este mês figura com a despesa de esc. 5.602\$00, mas só feita com os pobres das freguesias acima.

— A Barbearia tem grande movimento? Desde quando funciona?

— Por enquanto, mantem-

— Começou a sua função de higiene em Junho, obrigando-se todos os pobres a andarem barbeados e a terem cortados os cabelos. Não acha que, apesar de pobres, se devem apresentar de maneira a causar boa impressão a quem por ventura tenha de visitar a C. dos P.?

— Veja este gráfico. Copiámo-lo para completa elucidação dos nossos leitores: Junho, 273 barbas e 59 cortes de cabelo; Julho, 301 e 53; Agosto, 312 e 67; Setembro, 297 e 45; Outubro, 313 e 71; Novembro, 264 e 77.

— E sobre a alfaiataria, o que nos diz? Trabalha para fora?

— Não. Apenas serve os pobres. Pena temos de, presentemente, não haver tecidos para confeccionar. Esta secção tem sido de um grande alcance financeiro para a vida desta Casa, bastando dizer-lhe que foram já feitas 305 peças, não contando as que, no início da C. dos P., se mandaram fazer fora.

— O Balneário, pelo número que já deu a conhecer ao *Notícias*, tem tido uma larga frequência. São só os pobres a utilizar-se dêle?

— Nem só os pobres. Muita gente, principalmente aos sábados e domingos, se utiliza do Balneário, na sua quasi totalidade, operários. Os pobres, êsses, são obrigados, por nós, a uma vez por mês, pelo menos, a tomar banho, isto no inverno e duas no verão: Quer saber que temos pobres que se banham uns todas as semanas e um outro que o faz todos os dias! Ainda há pobres que cuidam da higiene — e isto consola saber se!

— Bravo! Como funciona o Balneário?

— Eu lhe digo. A Ex.<sup>ma</sup> Junta Geral de Saúde foi quem em Julho de 1934, criou êste pósto de desinfecção e higiene, prevenindo oportunamente um grande mal que então trouxe assustada toda a gente. E' ainda a mesma Ex.<sup>ma</sup> Junta quem o mantém e sustenta. Como a sua frequência é grande, e os benefícios que dêle resultam são cheios de belas realidades, pois além dos banhos propriamente ditos no Balneário procede-se ao indispensável despolimento de todos quantos passam e têm passado pela C. dos P.

— Já que se fala em tam importante caso, quantas vezes o Balneário é desinfecionado e sua respectiva limpeza?

— Tantas quantas sejam precisas, sucedendo até, por várias vezes, sofrê-la todos os dias.

— Falou-me da Cozinha Económica. O seu colega, sr. Teixeira de Aguiar, já nos disse qualquer coisa, mas se quer precisar ideias, esponha-as, pois nunca é demais falar-se num assunto que interessa. Por exemplo: Qual o número de operários que serve e as refeições aos mesmos?

— Já agora, — e tenha paciência para mais estes números: Junho, 7 operários com 233 sopas, 154 pratos, 121 rações de pão e 113 copos de vinho. — Julho, 13 operários: 321, 193, 292 e 201, respectivamente com sopa, prato, pão e vinho. — Agosto, 15 operários: 342, 234, 301 e 257 respectivamente com sopa, prato, pão e vinho. — Setembro, 35 operários: 703, 525, 692 e 756, respectivamente com sopa, prato, pão e vinho. — Outubro, 133 operários: 2:562, 2:815, 1:806 e 2:308. — Novembro, 140 operários: 2:516, 3:203, 1:544 e 1:352.

— Cada refeição continua ainda a manter o mesmo preço de 1\$50?

— Por enquanto, mantem-

Francisco Ribeiro de Castro

Proprietário da "Casa das Novidades" e representante das canetas CONKLIN

Deseja a todos os seus clientes e amigos um NOVO ANO muito feliz.

— se, mas tem que subir, pelo menos no vinho.

— Como são distribuídos os 1\$50 por cada unidade?

— A sopa (1 litro), \$40 centavos; prato, \$60; pão (250 gramas), \$20 e vinho (1/4) \$30.

— São obrigados os operários a comerem a refeição completa?

— Não senhor! O operário só come aquilo que quer. Não sei se sabe de o serviço ser feito por meio de cadernetas para os que só pagam ao sibado, e para aqueles que preferem pagar após serem servidos, é feito por meio de fichas.

Tudo quanto consta da refeição é afixado à entrada do refeitório.

E quasi a terminar, Joaquim Laranjeiro elucida-nos mais do seguinte: Ia-me esquecendo dizer-lhe que, por indicação dos ex.<sup>mas</sup> srs. dr. Joaquim de Barros e dr. Mário Dias, respectivamente Veterinário e Delegado de Saúde, construímos ainda, no mês de Maio, uma pocilga em condições de servir para a criação de suínos. Concluído que foi, amigos desta Instituição ofereceram-nos dois *inquilinos* e, como as lavaduras fôsssem de sobra, porque também grande parte no las ofereceram, compramos mais dois suínos. Contamos, em Março próximo, melhorar as refeições pois, como vê, temos *coisas* já de nossa Casa. Mandamos também construir uma coelheira e um galinheiro, que, devido igualmente à generosidade dos nossos Amigos, têm encontrado bom acolhimento.

Termina aqui a nossa entrevista com estes dois distintos elementos que são o corpo e alma da Casa dos Pobres, que, de recente criação, tem lançadas as suas bases — bases sólidas e de sólidos alicerces que lhe dão e emprestam os bons habitantes de Guimarães, esperando todos que a Ex.<sup>ma</sup> Câmara e os Poderes Públicos prometam, a primeira a dispensar-lhe os seus benefícios, e os segundos a atenderem as suas reclamações — resolvendo um dos mais interessantes e mais importantes problemas da hora que passa: a sorte dos desprotegidos da Fortuna.

— Estiveram em Pórtio d'Ave, de visita a sua família, os nossos prezados amigos srs. Manuel e Domingos Cosme Baptista Vieira.

— Chegou há dias do Congo Belga, de visita a sua família, o nosso prezado conterrâneo e amigo sr. Alfredo Faria Martins, que nesta cidade deve demorar-se alguns meses.

— O nosso prezado amigo sr. José Jacinto Júnior e sua família foram passar os dias de consoada ao Sanatório de Valadares, na companhia do seu estremitado filho sr. António de Carvalho Jacinto, que ali se encontra em tratamento.

— Estiveram em Pórtio d'Ave, de visita a sua família, os nossos prezados amigos srs. Manuel e Domingos Cosme Baptista Vieira.

— Estiveram em Pórtio d'Ave, de visita a sua família, os nossos prezados amigos srs. Manuel e Domingos Cosme Baptista Vieira.

— Estiveram em Pórtio d'Ave, de visita a sua família, os nossos prezados amigos srs. Manuel e Domingos Cosme Baptista Vieira.

— Estiveram em Pórtio d'Ave, de visita a sua família, os nossos prezados amigos srs. Manuel e Domingos Cosme Baptista Vieira.

— Estiveram em Pórtio d'Ave, de visita a sua família, os nossos prezados amigos srs. Manuel e Domingos Cosme Baptista Vieira.

— Estiveram em Pórtio d'Ave, de visita a sua família, os nossos prezados amigos srs. Manuel e Domingos Cosme Baptista Vieira.

— Estiveram em Pórtio d'Ave, de visita a sua família, os nossos prezados amigos srs. Manuel e Domingos Cosme Baptista Vieira.

— Estiveram em Pórtio d'Ave, de visita a sua família, os nossos prezados amigos srs. Manuel e Domingos Cosme Baptista Vieira.

— Estiveram em Pórtio d'Ave, de visita a sua família, os nossos prezados amigos srs. Manuel e Domingos Cosme Baptista Vieira.

— Estiveram em Pórtio d'Ave, de visita a sua família, os nossos prezados amigos srs. Manuel e Domingos Cosme Baptista Vieira.

— Estiveram em Pórtio d'Ave, de visita a sua família, os nossos prezados amigos srs. Manuel e Domingos Cosme Baptista Vieira.

— Estiveram em Pórtio d'Ave, de visita a sua família, os nossos prezados amigos srs. Manuel e Domingos Cosme Baptista Vieira.

— Estiveram em Pórtio d'Ave, de visita a sua família, os nossos prezados amigos srs. Manuel e Domingos Cosme Baptista Vieira.

— Estiveram em Pórtio d'Ave, de visita a sua família, os nossos prezados amigos srs. Manuel e Domingos Cosme Baptista Vieira.

— Estiveram em Pórtio d'Ave, de visita a sua família, os nossos prezados amigos srs. Manuel e Domingos Cosme Baptista Vieira.

— Estiveram em Pórtio d'Ave, de visita a sua família, os nossos prezados amigos srs. Manuel e Domingos Cosme Baptista Vieira.

— Estiveram em Pórtio d'Ave, de visita a sua família, os nossos prezados amigos srs. Manuel e Domingos Cosme Baptista Vieira.

— Estiveram em Pórtio d'Ave, de visita a sua família, os nossos prezados amigos srs. Manuel e Domingos Cosme Baptista Vieira.

— Estiveram em Pórtio d'Ave, de visita a sua família, os nossos prezados amigos srs. Manuel e Domingos Cosme Baptista Vieira.

— Estiveram em Pórtio d'Ave, de visita a sua família, os nossos prezados amigos srs. Manuel e Domingos Cosme Baptista Vieira.

— Estiveram em Pórtio d'Ave, de visita a sua família, os nossos prezados amigos srs. Manuel e Domingos Cosme Baptista Vieira.

Notícias pessoais

Aniversários

Fizeram anos no dia 25 de Dezembro os nossos bons amigos srs. Dr. David de Oliveira, ilustre professor do Liceu de Braga e José Ramos Camisão, digno tesoureiro da Fazenda Pública, dêste concelho.

— No dia 26 fez anos, também, o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. Alvaro Penafort, activo escrivão de Direito em Celorico de Basto.

— Passa hoje o aniversário natalício do nosso prezado amigo e distinto médico-dentista nesta cidade, sr. dr. Alvaro Carvalho.

A todos apresentamos sinceras felicitações.

De visita

A passar as festas do Natal vimos nesta cidade os nossos amigos srs. comandante António Garcia de Sousa Ventura, dr. Raúl Alves da Cunha, coronel Gaspar do Couto Ribeiro Vilas, coronel Luiz Pereira Loureiro, Alvaro Penafort, dr. José Pinto Rodrigues, Delfim de Guimarães, Francisco Teixeira de Carvalho, Lino Teixeira de Carvalho, Manuel Mendes Guimarães, dr. Alvaro de Magalhães, Pedro Pereira de Freitas, António Ferreira Júnior, dr. Roberto de Carvalho, Alcindo Ferreira Martins, etc.

— Também se encontram entre nós a passar as festas do Natal as sr.<sup>as</sup> D. Maria José Ribeiro Vilas Soares e D. Helena Barbosa Faria da Silva.

— Foi passar as festas do Natal a Vieira do Minho, de onde já regressou o nosso bom amigo sr. capitão Manuel Henrique de Faria.

— Têm estado doentes os filhinhos do nosso prezado amigo sr. Paulino de Magalhães.

— Chegou há dias do Congo Belga, de visita a sua família, o nosso prezado conterrâneo e amigo sr. Alfredo Faria Martins, que nesta cidade deve demorar-se alguns meses.

— O nosso prezado amigo sr. José Jacinto Júnior e sua família foram passar os dias de consoada ao Sanatório de Valadares, na companhia do seu estremitado filho sr. António de Carvalho Jacinto, que ali se encontra em tratamento.

— Estiveram em Pórtio d'Ave, de visita a sua família, os nossos prezados amigos srs. Manuel e Domingos Cosme Baptista Vieira.

— Chegou há dias do Congo Belga, de visita a sua família, o nosso prezado conterrâneo e amigo sr. Alfredo Faria Martins, que nesta cidade deve demorar-se alguns meses.

— O nosso prezado amigo sr. José Jacinto Júnior e sua família foram passar os dias de consoada ao Sanatório de Valadares, na companhia do seu estremitado filho sr. António de Carvalho Jacinto, que ali se encontra em tratamento.

— Estiveram em Pórtio d'Ave, de visita a sua família, os nossos prezados amigos srs. Manuel e Domingos Cosme Baptista Vieira.

— Estiveram em Pórtio d'Ave, de visita a sua família, os nossos prezados amigos srs. Manuel e Domingos Cosme Baptista Vieira.

— Estiveram em Pórtio d'Ave, de visita a sua família, os nossos prezados amigos srs. Manuel e Domingos Cosme Baptista Vieira.

— Estiveram em Pórtio d'Ave, de visita a sua família, os nossos prezados amigos srs. Manuel e Domingos Cosme Baptista Vieira.

— Estiveram em Pórtio d'Ave, de visita a sua família, os nossos prezados amigos srs. Manuel e Domingos Cosme Baptista Vieira.

— Estiveram em Pórtio d'Ave, de visita a sua família, os nossos prezados amigos srs. Manuel e Domingos Cosme Baptista Vieira.

— Estiveram em Pórtio d'Ave, de visita a sua família, os nossos prezados amigos srs. Manuel e Domingos Cosme Baptista Vieira.

— Estiveram em Pórtio d'Ave, de visita a sua família, os nossos prezados amigos srs. Manuel e Domingos Cosme Baptista Vieira.

— Estiveram em Pórtio d'Ave, de visita a sua família, os nossos prezados amigos srs. Manuel e Domingos Cosme Baptista Vieira.

— Estiveram em Pórtio d'Ave, de visita a sua família, os nossos prezados amigos srs. Manuel e Domingos Cosme Baptista Vieira.

— Estiveram em Pórtio d'Ave, de visita a sua família, os nossos prezados amigos srs. Manuel e Domingos Cosme Baptista Vieira.

— Estiveram em Pórtio d'Ave, de visita a sua família, os nossos prezados amigos srs. Manuel e Domingos Cosme Baptista Vieira.

— Estiveram em Pórtio d'Ave, de visita a sua família, os nossos prezados amigos srs. Manuel e Domingos Cosme Baptista Vieira.

— Estiveram em Pórtio d'Ave, de visita a sua família, os nossos prezados amigos srs. Manuel e Domingos Cosme Baptista Vieira.

— Estiveram em Pórtio d'Ave, de visita a sua família, os nossos prezados amigos srs. Manuel e Domingos Cosme Baptista Vieira.

— Estiveram em Pórtio d'Ave, de visita a sua família, os nossos prezados amigos srs. Manuel e Domingos Cosme Baptista Vieira.

— Estiveram em Pórtio d'Ave, de visita a sua família, os nossos prezados amigos srs. Manuel e Domingos Cosme Baptista Vieira.

— Estiveram em Pórtio d'Ave, de visita a sua família, os nossos prezados amigos srs. Manuel e Domingos Cosme Baptista Vieira.

— Estiveram em Pórtio d'Ave, de visita a sua família, os nossos prezados amigos srs. Manuel e Domingos Cosme Baptista Vieira.

— Estiveram em Pórtio d'Ave, de visita a sua família, os nossos prezados amigos srs. Manuel e Domingos Cosme Baptista Vieira.



JOÃO TEIXEIRA DE AGUIAR (Director da «Casa dos Pobres»)

PETIÇÃO

Senhor Ano de 36: — Trago aqui meu saúdar, se me prometes de dar a Guimarães boas leis e a sua gente bom passar.

Anos e anos, sem fim, num constante mal-querer, Guimarães está-se a ver — continua sempre assim sem dejesa d'alguém ter.

Ouvi, Senhor Ano 36; meus rogos, e o da gente desta terra que, indifrente, assiste — bem o sabéis! — à sua ruína imminente.

Olhai por ela e por nós! Salvai-nos, que bem podeis!... Senhor Ano de 36! — Guimarães de meus Avós vai-se a viola sem dez réis!

Atento, o peticionário com todo o respeito assina

TOMÉ DE SOUSA MUCÁRIO.

Se pretenda colocar o que é moda visite a SAPATARIA LUSO



João Serafim da Silva Ribeiro

falta após 12 meses decorridos sobre a sua morte, que em todos causou a mais funda tristeza.

Companheiro leal, as suas belas qualidades de trabalho aliadas a um espírito sereno e reflectido, fizeram de João Serafim um homem que todos admiravam pelo seu carácter probo e duma só fé. Vimezanense, e dos mais humildes, como tantas vezes nos dizia, o saudoso amigo encontrava-se sempre ao lado daqueles que pela sua terra trabalhavam, acompanhando os canseiros e entusiasmadamente.

O *Notícias de Guimarães*, recordando com saudade esta data lutuosa, cumpre o dever de relembrá-la e prestando-lhe sentida homenagem, faz preces por que a alma do querido amigo descanse em paz.

# Carreira entre Guimarães e Pôrto

DE

## JOÃO FERREIRA DAS NEVES

ESCRITÓRIO EM GUIMARÃIS

ANTÓNIO FERRA, FILHO

Largo do Tournal, 127

Partidas: 8 h., 12,30 e 18,15

No PORTO, Rua do Almada

ESCRITÓRIO

Garage C. Pôrto

Partidas: 8 h., 10,15 e 17

A  
T  
L  
A  
S

## ¿Precisa V. Ex.ª de comprar calçado?

Queira ir ao DEPOSITO ATLAS em Guimarães na Rua da República, 77-79.

Permite-lhe a sua situação económica dar a preferência aos artigos de primeira qualidade?

Peça um "Atlas" e dispenderá para homem 95\$00 a 110\$00 para senhora 85\$00 a 100\$00

Está em boa situação económica mas prefere artigos de preço médio para economizar?

Peça um "Parkard" e dispenderá para homem 80\$00 a 90\$00 para senhora 70\$00 a 80\$00

E' funcionário público ou empregado no Comércio e Indústria? Ganha um pequeno ordenado mas precisa apresentar-se bem?

Peça um "Gorila" e dispenderá para homem 70\$00 a 80\$00 para senhora 60\$00 a 70\$00

E' operário? Vive do seu modesto salário precisando, por isso de adquirir artigos de pequeno custo e grande durabilidade?

Peça um "Popular" e dispenderá para homem 60\$00 a 70\$00 para senhora 50\$00 a 60\$00

E fiquem V. Ex.ª certos de que, com calçado de qualquer destas quatro marcas, ficarão bem servidos, pois todo êle é fabricado pela ATLAS, nas mesmas fôrmas e pelos mesmos processos que tam grande fama tem dado aos seus produtos.

Galochas — Polainitos — Solas e tacões de borracha

Preços fixos e vendas só a dinheiro

# A GRANDE MARCA NACIONAL

## Desporto

### Vitória bate o Salgueiros por 3 a 1

O temporal desabrido que assolou esta quadra final do ano, impediu a realização de jogos de «cartel» que estavam anuenciados. A visita do Celta de Vigo, no dia de Natal, era esperada com a ansiedade que despertam sempre os jogos desta natureza e feitos com grupos de valor reco nhecido, e ao «team» local proporcionaria ocasião esplêndida de enfrentar «equipe» de categoria e que o obrigasse a dar provas das suas possibilidades totais.

A visita no domingo, do Salgueiros, se não proporcionou uma partida interessante, alimentou pelo menos o desejo — ou saudade — do público, habituado às tardes de «foot-ball» semanal. O campo, com o solo lamacento das chuvas constantes e furiosas que sobre nós têm caído, não permitia desenvolver jogo que brilhasse, comprometendo a técnica e trau o esforço e a vontade do jogador. As quedas foram frequentes, magoantes, e o equilíbrio exigia um esforço notável que o chão escorregadio contrariava constantemente.

O Vitória, ganhou bem, e o resultado de 3 a 1 a seu favor foi merecido, porque soube ser mais perigoso ao remate que o adversário, embora as ocasiões de «goal feito» houvesse de lado a lado. O Vitória poderia ter feito maior número de bolas, e o adversário poderia também elevar

mais o marcador, sem contudo alimentar veleidades de triunfo.

A «equipe» local não fez uma boa partida, porque a sua linha avançada viveu da energia dum homem — o avançado-centro —, sem ter interiores que o ajudassem: João Jesus — a precisar de muito descanso para boa cura das suas articulações seriamente atingidas; Vergilio — em tarde desatada. Bravo soube brilhar, assim como a defesa. A meia defesa emperrou por vezes do lado de Laureta por este jogador teimar, na demora da bola nos pés; Lima jogou a satisfazer; Zeferino lutou muito e foi incansável.

Dos visitantes o seu conjunto agradeu; jogaram com rapidez a meio do terreno e em frente das redes a boa defesa adversária impedia o seu acesso, cortando-lhes as avançadas

mais das vezes dignas de melhor sorte.

### O jogo

A bola de saída pertence ao Salgueiros, jogando os locais a favor do vento. O Salgueiros ataca desde logo com impetuosidade que Vitória riposta a seguir no mesmo tom, criando uma situação de perigo. A bola despachada pela defesa vermelha e captada por Lima, que num pontapé a mais de trinta metros, bate o guarda-redes dos visitantes, marcando o 1.º «goal». Bola ao centro, e o Salgueiro desce obrigando a defesa do Vitória a conceder «corner», que marcado, nada resulta. Os alvi-negros atacam em forma para J. Jesus rematar por fora. Clemente, a seguir, com a sua energia habitual, marca o 2.º «goal». O Salgueiros

avança com rapidez, conseguindo marcar a sua única bola, à boca das redes, por Ricoca ter deixado cruzar o jogo. Bola ao centro e Vitória assedia rapidamente as balizas dos vermelhos, não rematando com êxito, por a bola se ter prendido na lama. Virgilio joga mal. 1.º «corner» contra o Salgueiros nada resulta. Virgilio sai e entra Vitorino. 2.º «corner» contra o Vitória também nada resulta.

Termina a primeira parte. Vitória teve maior quinhão de domínio sem que fôsse acentuado de sobremaneira.

### 2.ª parte

O jogo continua com a mesma característica da primeira parte. O terreno prende a bola e origina quedas de que os jogadores se ressentem. Os locais avançam e Vitorino tem um

toque para a redes bem intencionado, porém mal sucedido. Vitória cede terreno e joga mal. Perdem-se ocasiões de marcar dum lado e doutro. Vitória ocasiona perigo numa avançada pessoal de Clemente. Os locais atacam e disputam por sua vez um período de domínio acentuado que nada resulta por manifesta falta de sorte. Clemente, enfia a terceira e última bola da sua marca especial. O jogo alterna-se em avançadas e termina sem interesse maior.

Arbitrou António Neves. O seu trabalho satisfaz, reprimiu o jogo duro e não deu ouvidos às reclamações dos jogadores do Salgueiros, que protestavam sem razão alguma, por qualquer cousa insignificante.

ALMEIDA FERREIRA.

# CASA PIMENTA

## Rua 31 de Janeiro

suas compras sem primeiro visitarem esta casa.

Acabam de chegar as maiores variedades em sobretudos e casimiras para a época de inverno. É esta a casa que maior sortido tem.

Grandes saldos em casimiras. Sobretudos feitos, desde 60\$00. Não façam as

### DA CIDADE

#### As cheias no Campo da Feira

Com a inverneira que assolou este querido torrão, os habitantes da Rua da Ramada viram-se em sérios embaraços com a cheia do riacho que por ali passa em direcção à Caldeira, tendo sido necessária a intervenção dos nossos briosos Bombeiros para obstar a que se registassem graves prejuízos.

Não é já a primeira vez que tal facto se dá... cumprindo-nos por isso, o dever de pedir a quem de direito as providências requeridas, mandando alargar os canos que conduzem as águas do supracitado riacho, a fim de evitar que não vivam em sobresalto os habitantes que ali moram, obrigando-os a andar sempre com o credo na boca.

#### Há-os...

Como se decorresse o tempo da pesca, cartinhas felizes voando foram enviadas em geito de circular, anunciadoras de uma especialidade de «isca» — capaz, reclamadas em tal tom de sermoa que, estamos certos, ninguém deixará de... a bem da grei, subir ao 48-1.º da casa anunciadora para bem se fornecer de artigo tam barato e eficiente para a pesca de peixe graúdo.

#### Também achamos bem

O nosso prezado colega local Comercio de Guimarães, em um dos seus últimos números, pede para que seja escrita uma monografia sobre o Castelo dos Almadas, visto que há dificuldade em bem saber contar a história daquele castelinho em estado novo e que vem sendo a mais apreciada obra arquitectónica do actual século.

Também achamos bem. Contudo, para que a valiosidade do estudo a fazer-se não desmereça da erudição do arqueólogo que de-seje subscrevê-la ou dar-lhe a composição de letra de forma, daqui lançamos a ideia para que, antes disso, seja concluída tam grandiosa obra, mandando pintar os bastiões, como lhe chama o barbeiro ali de baixo, fingindo-os de árvores e de céu, para que todos aqueles que o venham a admirar possam fruir uma maior sensação de beleza.

#### Ceia dos Pobres no Natal

Mais uma vez e a exemplo dos anos anteriores, em obediência a uma tradição muitas vezes secular, realizou-se a ceia de consolda dos pobres, no albergue de S. Crispim, festa encantadora levada a efeito por uma comissão de vimaranenses.

Cerca de 2.000 pobres de todo o concelho foram ali, comer uns, buscar outros, a abundante Ceia do Natal que as almas generosas lhes ofereceram num gesto de solidariedade muito para louvar.

### EXUMAÇÕES DO PASSADO

(Quadros sinopticos da Historia Vimaranense)

#### Dissídios e pleitos eclesiásticos

XIV

É este um assunto interessante que muito nos penaliza não podermos tratar com o desenvolvimento devido nas ligeiras e despretenciosas referências que temos dedicado à história vimaranense, principalmente agora que tratamos da Insigne colegiada.

Foi motivo de contendas e divergências renhidas, durante muitos anos, entre os arcebispos de Braga e os D. Priores desta colegiada, a jurisdição espiritual daqueles sobre estes, pois a igreja da colegiada da então vila de Guimarães, Prior, cônegos e raqueiros, chamados porcionários, diziam-se isentos da jurisdição do Ordinário, porquanto os antigos estatutos da mesma colegiada determinavam no seu capitulo 33 e outros que o D. Prior tinha jurisdição quasi episcopal sobre todas as dignidades, cônegos e meios cônegos, coreiros, mais beneficiados e pessoal dela: conhecendo de todas as suas causas civis e crimes em

#### Rico argumento

Agora é o largo de João Franco que está às escuras. Muito embora culpem quem quiser, Repartição de Obras ou Concessionários da Luz, o caso é que o facto se observa e parece teimar em nos cobrir de trevas, enquanto que o fiscal camarário continuar ausente das suas funções e... fizer de cego com olhos de ver.

#### O tempo

Os últimos dias da última quinzena do último mês do ano que acaba de findar foram de violento temporal em todo o país, como nos relataram os jornais diários. Em Guimarães sentiu-se, também, o mau tempo que causou, em todo o concelho, alguns prejuízos materiais.

#### Pela Câmara

No dia 11 de Janeiro, no Largo João Franco, proceder-se-á à venda de artigos e estabelecimentos de tendas que até aqui se fazia no Mercado Municipal, aonde, dentro do recinto livre, apenas será permitida a venda de produtos agrícolas, aves, pescado, artigos de vime ou vèrga e artigos de indústria caseira relacionados com a vida agrícola.

#### Esmolas

O sr. Administrador do Concelho, fez distribuir os seguintes donativos: Presos da cadeia civil, 420\$00; Hospital da Misericórdia, Casa dos Pobres, 200\$00 a cada; Ceia dos pobres de S. Crispim, Asilo do Campo da Feira, Entrevados de S. Paio, Creche da V. O. T. de S. Francisco, Oficinas de S. José, 100\$00 a cada; diversos pobres e cegos, 420\$00.

#### Fabricante de pólvora preso

Informado o chefe da P. S. P., desta cidade, de que, no lugar da Vista Alegre, freguesia de S. Tiago de Candoso, se fabricava pólvora sem a respectiva licença, mandou que fosse capturado o seu fabricante, de nome Francisco de Abreu, viúvo, de 58 anos de idade, e aprendida toda a pólvora já fabricada, na quantidade de 60 quilos, assim como os seus instrumentos.

#### Dr. Miranda da Rocha

As direcções dos Sindicatos deste concelho mandaram celebrar no domingo, às 11 horas, na Basílica de S. Pedro, uma missa em sufrágio da alma do desventurado sr. dr. Miranda da Rocha, acto que foi muito concorrido.

#### Novo grupo excursionista

Acaba de organizar-se nesta cidade um novo grupo excursionista denominado: «O Regadinho sem medida». Os seus componentes realizarão este ano o seu primeiro passeio anual.

## Carreira de Caminheta entre Gonça-- S. Torcato--Guimarães e Estação do Caminho de Ferro

Teve começo no dia 21 do corrente e realizar-se-á todos os dias com excepção dos domingos, esta carreira de caminheta que serve várias e populosas freguesias do Concelho de Guimarães.

### HORÁRIO

Partida de Gonça às 6,50 horas Chegada a Guimarães, às 7,20 horas.  
Partida de Guimarães, às 12 horas — Chegada a Gonça, às 12,30 horas.  
Partida de Gonça, às 13 20 horas — Chegada a Guimarães, às 14 horas.  
Partida de Guimarães, às 19,30 horas — Chegada a Gonça, às 20 horas.

### TABELA DE PREÇOS

Gonça a Guimarães	3\$00
S. Torcato a Guimarães	2\$00
Estrada da Corredoura a Guimarães	1\$50
S. Lourenço de Selho — Guimarães	1\$00
Madre-de-Deus a Guimarães	1\$00
Cano à Cidade	50
Cidade à estação de Caminho de Ferro ou vice-versa	50

Os bilhetes de ida e volta têm o desconto de 20 p. c.

#### Casamento

No templo da Misericórdia realizou-se no passado domingo o casamento do nosso prezado amigo e conceituado negociante local, sr. Luiz Alijó de Lima, com a sr.ª D. Maria Celeste Pinto Nobre, inteligente e estimada professora do ensino primário neste concelho. Os noivos são possuidores das melhores qualidades que não de, por certo, tornar feliz o novo lar.

Aos noivos deseja o Noticias de Guimarães as maiores felicidades e venturas.

#### Liga dos Combatentes da Grande Guerra

Sub-Agência do Guimarães

Sob pena de expulsão nos termos do n.º 3.º do art. 18.º dos Estatutos, são convidados todos os associados em atraso de pagamento de cotas, a pôrem em dia e até 15 de Janeiro próximo, o pagamento das mesmas, ou a justificarem por escrito o motivo porque o não fazem.

Guimarães, 26 de Dezembro de 1935.

A Comissão Administrativa.

### MALHAS

As últimas novidades e aos melhores preços só na

CAMISARIA MARTINS — Casa das Meias

CAMISAS-GRAVATAS  
GRAVATAS-CAMISAS  
SÓ NA  
LOJA DAS CAMISAS  
— JUNTO AO CAFÉ ORIENTAL

Carvalho Mendonça. Segundo uma Bula do Papa Pio VII, datada de 9 de Setembro do ano 1803, foram concedidas ao D. Prior e cônegos, capa magna com arnelinas, peles alvas (veste quadragesimal); dizia o documento, entre outras cousas: *non zonam violaceam cum lemniscis coloris similis, et tibi alia ibidem violacea, ac fasciolum cum lemniscis coloris viridis pilei formici obvolutam; ac praeterea Mozettam et sub ea, loco Calta, Rochetum cum suis manicis, Arctis deferre, ac gestare, isto para todos os actos dentro da diocese.*

Porém o Cabido substituiu as côres roxa e verde pela esoarlate ou vermelha por os seus membros serem capelães régios, prerrogativa extensiva a todos os cônegos.

Por isso começaram a usar roquete com mangas apertadas e faixa carmezim com borlas douradas, meias da mesma cor e *solideo* preto guardado com pespontos e borlinha carmezim. Desde o irmão do marquês de Pombal até D. Marcos Vaz Preto inclusive, usavam os D. Priores vestes prelatias até que o arcebispo de Braga, D. José Joaquim de Azevedo e Moura não consentiu que o D. Prior, D. José Francisco de Paula Almeida, tomasse posse canónica do Priorado com as vestes roxas, moti-

vo que o levou a iniciar de ai por diante o uso da batina preta com vivos ou debium e pespontos a vermelho, com cauda e mantelete preto. Assim usou em Guimarães, mas em Lisboa usava-as roxas. Diz o último e já falecido D. Prior, D. Manuel de Albuquerque num seu livro manuscrito que compulsamos — que o seu antecessor, D. José de Andrade Sequeira, quando vierá para Guimarães tomar posse dessa elevada dignidade as trouxera roxas, mas que, sabendo da proibição do seu uso pelo prelado de Braga, nunca as apresentou em público, em Guimarães, pois em Alpalhão, terra da sua naturalidade, as usou sempre. D. Domingos de Portugal e Gama, que usava chapéu com dez borlas, não se sabendo bem o motivo, talvez por ser inquisidor e visto viver ausente em Lisboa, onde exercia tal cargo, era substituído na colegiada por seu irmão, rev. Luiz Gama, tesoureiro-mor da mesma.

Os D. Priores foram muitos anos immediatos somente ao Papa até que o Arcebispo de Braga, D. Estêvão Soares, no ano 1260 se opôs a isso. Portanto era o Papa quem castigava os D. Priores como no-lo afirma um documento arquivado na Torre do Tombo que diz que foi dada, em Roma, uma sentença contra o D. Prior

## O FUTURO NÃO ASSUSTA NINGUEM

Inscrevendo-se sócio do Montepio «A REFORMA», com sede na Rua Alexandre Braga, 114 — PORTO

ASSEGURA O SEU FUTURO E O DOS SEUS

Com uma insignificante cota, os associados tiram com direito:

Pensão de reforma até 450\$00, mensais — Pensão a herdeiros até 150\$00 mensais — Pensão de inabilidade até 360\$00, mensais — Subsídios únicos até 1.500\$00 e Subsídio para funeral de 1.000\$00 a 25.000\$00

Podem inscrever-se os indivíduos de ambos os sexos, desde 16 a 50 anos

Até 31 de Dezembro de 1934 foram pagos os seguintes encargos: Pensões de reforma, 863.735\$96; Pensões de inabilidade 42.668\$10; Pensões a herdeiros, 151.263\$80 e subsídios únicos, 38.960\$00

Os subsídios que este Montepio concede, não podem ser penhorados nem arrestados (Art. 21.º do Decreto-lei 19:281)

Indique-nos, num simples postal, a sua idade e a pensão ou legado que pretende, ou ainda quaisquer outros esclarecimentos, e na volta do correio, prestar-lhe-emos todas as indicações

Agente — Rafael Pereira Lopes  
Rua Dr. António da Mota Prego — GUIMARÃIS

## RIBEIRO, FILHO (ALFAIATE)

Convida os seus Ex<sup>mos</sup> Clientes e Amigos a visitarem a sua casa e a examinarem os artigos de alta novidade do sortido que recebeu para a presente estação de inverno, que tem em exposição na sua vitrine, no Largo do Conselheiro João Franco.

#### Dos livros. Dos jornais

#### “O Desfôrço”

Entrou no 43.º ano de existência este nosso prezado colega, que se publica na vizinha e ridente vila de Fafe, sob a inteligente direcção do velho jornalista e nosso querido camarada sr. Artur Pinto Basto, que tem como secretário de Redacção seu filho o também nosso prezado camarada sr. José Pinto Basto.

42 anos de vida representa, para aquele semanário um verdadeiro triunfo, motivo porque sinceramente felicitamos aqueles bons amigos e leais camaradas.

#### Despedida

José Pereira Guimarães, da Rua das Lameiras, Creixomil, 35, tendo de retirar brevemente para a Beira (Africa Oriental), vem por este meio, participar a todos os seus amigos, e bem assim a todos os seus credores e devedores de que devem apresentar-lhe as suas contas de 15 a 20 de Janeiro próximo; e, ao mesmo tempo, oferece lhes os seus serviços na mesma cidade da Beira, Rua-Avenida Andrade — Caixa Postal n.º 278 (Africa Oriental).

Guimarães, 30 de Dezembro de 1935.

tudo parece-nos que não estaremos muito enganados, supondo que ela se effectuou na igreja da colegiada ou no paço de D. Afonso Henriques, pois foi este prelado quem o corou rei, nas côrtes de Lamego, segundo se diz.

Aquella subordinação directa e immediata ao Papa era prerrogativa muitíssimo antiga, pois já dela gozava o mosteiro *duplux* de Mumadona, na pessoa dos seus abades.

Além das regalias referidas de que os D. Priores dispunham, ainda tinham o direito de apresentarem *in perpetuum* os abades das freguesias que lhe estavam dependentes.

Como temos visto a colegiada gozava de privilégios reais e pontifícios de que não podia prescindir sem quebra ou ofensa da sua alta dignidade, e dos quais muito se orgulhava. Os prelados de Braga tinham os direitos que lhes dava a alta gerarquia de que se encontravam revestidos. Eram duas entidades preponderantes que se degladiavam com manifesto desprestígio das suas autoridades e até em detrimento da religião que professavam.

Continua.

# Da discussão nasce a luz!!!

Discutir a caneta **CONKLIN** é adoptar a caneta



**CONKLIN**

Esta afamada caneta, encerra toda a engenharia da indústria moderna! — Sistema transparente, contendo as palavras que escreveu e as que pode escrever **SEM REENCHER**

Aparo «Rhodime» escrevendo de duas formas!

Não CAUSA BORRÕES, apesar da grande capacidade de tinta!  
+ + + + (sistema patenteado em todo o Mundo) + + + +

**BELEZA, QUALIDADE, ENGENHARIA**

Deseja V. Ex.<sup>a</sup> obter esta tradicional marca mundial por **2\$50, 5\$00, 7\$50** ou **10\$00**, valores respectivos de **75\$00, 165\$00, 230\$00** e **330\$00**?  
inscreva-se sem demora nos sorteios semanais da

**CASA DAS NOVIDADES**

Rua da República



GUIMARÃIS

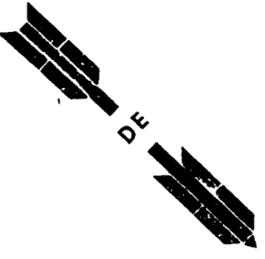
# Fábrica de Tecidos da Cruz de Pedra, L. da

Telefone 190

GUIMARÃIS

## FABRICA DE TECIDOS

DA  
**RUA DA LIBERDADE**



**ANTÓNIO DE SOUSA**

Telefone 145 — Rua da Liberdade  
GUIMARÃIS

## Fábrica de Tecidos

de "S. Miguel"

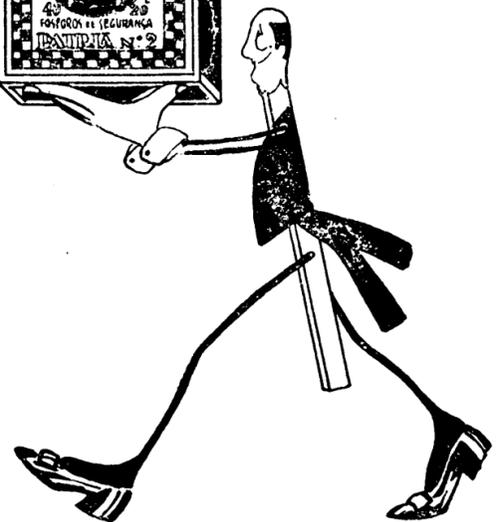
**Aristeu, Lopes & Oliveira, L. da**

Telefone 23

GUIMARÃIS

## O CONCURSO DOS FOSFOROS PATRIA

FOSFOROS **PATRIA**  
OS MELHORES



E OS QUE MAIS VANTAGENS  
OFERECEM AOS CONSUMIDORES

(SOCIEDADE NACIONAL DE PHOSPHOROS)

Um automóvel ou um camião ou compras na casa  
Grandela na importância de escudos 28:000\$00.

1.º prémio:

2.º prémio:

Um automóvel ou compras na casa  
Grandela na importância de escudos 17:000\$00 + + +

Para concorrer a este sorteio basta entregar 100 tampas de quaisquer das referidas marcas de fosforos na

RUA DE S. JULIÃO, 139